

***caixa
de
correio
poesia
reunida***



***Carlos
Rodrigues
Brandão***

*Já é tempo de dizer nossas poucas palavras
Porque nossa alma abre velas amanhã*

Giorgos Seféris
Um velho a beira do rio

Sobre os poemas deste livro

Trouxe para este livro os poemas de que mais gosto de meus livros anteriores. Tal como imagino que aconteça com a maioria das pessoas que, como eu escrevem ao longo da vida, também poesia, meus livros foram publicados em edições únicas. Mesmo os livros que não estão esgotados nem sempre é fácil encontrá-los.

Sonho que esta coletânea seja um inventário do caminho percorrido desde 1966 até este mês de março de 2013. São, portanto, quarenta e sete anos de poesia. Entre os não que me restam espero somar ao que escrevi pelo menos mais alguns poemas. Mas certamente não deverei ousar uma nova antologia. Sempre acreditei que “antologias” devem ser únicas, definitivas.

Ao reunir os poemas de meus livros anteriores realizei um percurso às avessas. Isto é, viajo com quem me leia desde o presente para o passado.

Os primeiros poemas são os mais recentes e quase todos nunca reunidos em algum livro. Os últimos deveriam ser os de meu primeiro livro. No entanto, preferi encerrar este livro com uma coletânea de longos poemas em prosa. Alguns - e na apenas eles - ocupam várias páginas e pretendem converter a poesia em um outro ritmo, e, quase uma outra linguagem.

Os livros de poemas desta “poesia reunida” são estes: *Mão de Obra – poemas práxis*, de 1968; *Os Objetos do Dia*, de 1976; *Diário de Campo – a antropologia como alegoria*, de 1982; *O Dia de Sempre*, de 1997; *Os Nomes – escritos sobre o outro*, de 1999; *Orar com o Corpo – poemas e preces para as horas do dia*, de 2005; *O Vento de Agosto no Pé de Ipê – escritos do sertão*, de 2008; *O Caminho da Estrela – poemas da Galícia e do Caminho de Santiago*, de 2010.

Entre os poemas em prosa estão aqui alguns escritos entre Ouro Preto e Mariana, a que dei há muitos anos o nome: *Chão Mineiro*. Eles nunca foram reunidos em um livro.

Com facilidade se verá que alguns poemas preservam ao final data e o lugar, ou apenas a data ou apenas o lugar de

quando e onde foram escritos pela primeira vez. Não raro a mão e em alguma folha ao acaso de papel.

Comecei a escolher e reunir alguns poemas neste livro que tomou o nome *Caixa de Correio* em algum dia do ano de 2010. Terminei a coleta, a revisão e este livro, no dia 30 de março de 2013, um “Sábado Santo” - antigo “Sábado de Aleluia” - no *Mosteiro da Ressurreição do Senhor*, na Cidade de Goiás, em Goiás.

Que não parem mistérios sobre o título do livro. Poderia ser qualquer um. Assim, ao pensar nele, me veio a memória o lugar onde desde a minha infância eu volta e meia eu via, e vejo ainda hoje, chegar alguma carta em seu envelope. Vinda de perto ou de mais longe. E esta era, e é ainda, uma das maiores alegrias.

Meus livros de poesia, assim como os de outras viagens, podem ser encontrados em um “lugar” (link) de um “sítio” (site). Procurem em *Livro Livre*, depois de terem encontrado e aberto o www.sitiodarosadosventos.com.br. Algumas outras poesias podem ser encontradas em folhasaovento.blogspot.com.br.

Carlos Rodrigues Brandão

os poemas, seus livros e suas páginas

POEMAS DE AGORA

oferenda

quatro momentos

o primeiro

o segundo

o terceiro

o quarto

Haja isto!

um

dois

três

quatro exercícios de auto-desconhecimento

o primeiro

o segundo

o terceiro

o quarto

o primeiro dia

momento

e agora longe, quando eu me vou

e de longe, de repente, o que se via

agora brilha!

sobre o amor solto nas ruas

abelha branca, zumbes

a tarde, a noite

inventário

a noite

nascer, clarear

uma casa velha num canto de Goiás

como se
como um presente

ORAR COM O CORPO

sonhar
comungar
compreender
catar
descascar
comer
escurecer
escrever
duvidar
vigiar
fazer
acolher
envelhecer
partir
ressuscitar

OS NOMES

Emilie Dickinson
Rainer Maria Rilke
Pierre Teilhard de Chardin
Seféris
Jorge Luis Borges
Fernando Pessoa
Alice
Mário Quintana
Carlitos
Carlos Brandão
Sidarta Gautama
Jorge Luis Borges
Abelardo

Rubem Alves
Woodworth
Ulisses
Colombo
Fernão de Magalhães
Bartolomeu Dias
Jung
Joaquim Brandão
Morgana
Gramani

vizinhança de Manoel de Barros
um
dois

Álvaro de Campos
Heráclito
Tonho Ciço
Kaváfis
André Brandão

O DIA DE SEMPRE

objetos, pedaços
o coração do homem
nem pão, nem flor

seis canções de tempo e vento
uma
duas
três
quatro
cinco
seis

ir
vestir a espera
Vicente Aleixandre
o mar o mato a vida

situações de sob e sobre
primeira
segunda
terceira

a vontade do simples
o poema caça

três escritos sobre trem em Minas
primeiro trem
segundo trem
terceiro trem

navegar é preciso
como o brilho de um dia

sobre os dons
serenidade
perenidade
coragem
harmonia

três pastores de areia
o primeiro
o segundo
o terceiro

*um velho em Brúnico
ali, sob o chão da casa
sentado, a cabeça baixa
outonos cúmplices*

OS OBJETOS DO DIA

*com as mãos em concha
um
dois
três
quatro
cinco
seis
sete*

*degrede
sobre o poema*

MÃO DE OBRA

Zacatipa

*morto a caminho
um
dois
três*

canta quando dança

*o pueblo e seu povo
Tzintzuntzan
Huecório*

DIÁRIO DE CAMPO

*vôos a oeste
do alto sobre o cerrado
alguns fogos, algumas roças
as flores aprendem com as pessoas*

três lições mineiras

*de Minas
em Minas
com Minas
de um trem mineiro*

*poemas da Meseta Tarasca e do povo Purêpecha
um homem morto na polícia
o menino que dorme
o sino de Santa Clara
memória das velhas da tribo
potes de barro
os seres da manhã
as mulheres de Uricho, seus rebozos*

*o martelo agalopado
seca/cheia
meninos catam mangas a pedradas
Gringo*

*o ofício de plantar
voltar do trabalho
festas de colheita
os brincos
a idade do ouro
nomes, mortes*

*capelinhas de estrada
diante do mar furioso
trabalhadores do mar
Pablo Neruda*

CHÃO MINEIRO

*igreja de Nossa Senhora da Conceição
igreja de Santa Ifigênia
igreja de Nossa Senhora das Dores
festa de Santa Cruz
igreja de São Francisco de Assis*

O CAMINHO DA ESTRELA

*Deus
Santiago
mortos
peregrino
outros
pássaros
meiga
madeiras
Vinhos
ofícios
Rosalia*

três canções de despedida

*e como antes e sempre, vamos
e veio de longe te dizer
aos que vierem depois*

POEMAS DE AGORA

oferenda

*Trago nos panos da trouxa de onde venho
os trapos dos farrapos da memória,
coisas de pouco, um rol de quase nada:
um toco azul de lápis, um de vela
e duas folhas de papel timbrado
com um desenho de lua e outro de aceno
como se fosse longe, mas não tanto.
Um mapa de Goiás, outro da Úmbria,
A mochila nas costas e um caminho,
um Romancero de Lorca, uma viola
uma rosa-dos-ventos e o rosário
co calendário dos dias de lembrar.
a bota escura de terra, a mão de tinta
um arco-íris, um poema, uma janela*

quatro momentos

depois de ler Hilda Hilst

o primeiro

*Hoje eu te canto e depois não.
Pois é só o agora o que nos faz, aqui.
E agora somos a carne da alma
da manhã de um deus sem nome
e é tua a mão que desenha nele um rosto.
E, vê, amanhece do afago que nós temos
e de nosso enleio amanhece e vem o sol
e o nosso ardor deu a ele o ardor do dia.
O que existe está aqui: criamos juntos
desta lareira de amor que o amar acende
quando entre mãos os corpos que se tocam
tocam a raiz da terra e o céu do mundo.*

o segundo

*O lavrar, o encandecer, o pressentir,
o que vem da alma agora, rara amiga.
Sim, o lavourar a terra como em prece
e colocar no sulco a semente e a lágrima
e ir embora sem a espera da colheita
no chão de terra a que chamamos mundo.
O encandecer porque em nós, de linhas vivas
se entretece o fio de cores do tempo,
o arisco andejo de horas que fazemos nossas
como quem trás pra cama o trigo e o vinho.
E o pressentir, porque quem planta profetiza,
como quando desdobras o branco que te veste
e como quem se cala, com as mãos dizes:
"agora apaga a vela, e anda... vem".*

o terceiro

*De olhar a noite eu vi que vem de ti
este orvalho, esta espera da manhã,
o sussurro de águas serenadas pela noite
e este vento que abençoa o que houve aqui.
e o que foi ontem e sobrou neste sussurro
com que te digo o que guardei nas mãos
que em teu corpo tocaram chão sagrado.
Este pequeno exercício de saber de nada
que é até onde chega quem depois de agora
vê que viajou do sono ao som do sonho
e do sonho ao rosto Sem Nome do sonhado.*

o quarto

*Sombroso, melhor do que assombrado.
Que daqui não fique ainda nada
a não ser o desterro desta hora.
A que se acaba de haver, e a luz se acende
e o que clareia é o que foi e acaba agora
e quem viveu se veste e vai embora.*

**Rosa dos Ventos
inverno de 2012**

Haja isto!

*três poemas e fragmentos escritos entre páginas
de um livro de poemas de W. H. Auden*

um

*Haja isto: o certo acerto do azar da morte.
O aceitar sem queixas o gesto do inimigo
O temor do estranho gesto de poder
Quando ele chega e sem dizer o nome
Assenta na mesa e assim diz: eu vim.*

dois

*A tudo a natureza inunda de aves calmas.
Vagarosas no vôo como os velhos.
Sábias no que calam
como às vezes as crianças.*

três

*Já pelo seu outono ele viajou a uma imensa mansidão.
E assim ancorou no porto de sua casa, à volta da espera/ e
navegou a sua mão como se fosse um golfo.
E todas as manhãs atravessava mares
indo do quarto ao escritório
Como quem viaja de uma ilha a uma outra, longe.*

**No voo entre Paris e Salvador
30 de setembro de 1994**

Quatro exercícios de auto-desconhecimento

o primeiro

*Vindo de longe como o vento, e de onde?
trouxe o meu corpo, mera alegoria
e mais o espelho opaco que esconde
metade, a mascara de barro de meu rosto,
metade o que sobrou do que me invento
com um tanto de malva e sal a gosto
e alguns retalhos de acaso e de folia.*

*Sem nada, sou um rico, e saltimbanco
armo lona de circo, faço festa
e, peregrino, quero nada na algibeira.
O que não tinha, agora tenho: tempo
e por isso escrevo isto lento... lento.
Tempo é o que eu peneiro na peneira,
e esse momento é tudo o que me resta.*

*O que eu fui, o que fiz é agora o invento
de soletrar no caderno o esquecimento,
até restar limpa a lousa da memória,
como no vôo a ave esquece o ninho
como de um barco a terra some aos poucos
como fecha a casa quem vai pelo caminho
e esquece a chave enquanto vai embora.*

*Esquecido de mim mesmo eu hoje, agora,
já não sei mais saber o que sabia:
se aquilo tudo houve em algum tempo
e se tudo foi s minha a trama, a história
em que alguém acaso creia um dia,
ou se foi tudo sonho, mitos da memória
estória, canto, conto, fantasia
e é mais verdade assim, por isso mesmo.*

*Como do vôo volta a ave ao ninho
e de longe o barco torna ao porto
sou como quem depois de anos volta à casa
e embaixo do tapete encontra a chave
e abre o portão, a porta e a janela
e colhe na mesa um álbum-de-família,
e acende a luz onde já houve a vela
e distraído folheia fotos a esmo.*

o segundo

*Me embaralho de pensar
que um dia fui saltimbanco.
Fui professor de arapucas
que prendem bicho nenhum.*

*Fui aprendiz de palhaço
fui doutor de esquisitice
fui viajante dos tempos
sem sair de agora algum.*

*Fui mestre em esquecimento
e só sei o que eu não lembro.
Fui sabedor do sentente
e esquecedor de ciência.*

*Sonhei ser a flor do ipê
e no jardim que não tive
plantei três rosas dos ventos.
Fui descobridor de nada
que se escreva em dicionário.*

*prestei concurso pra fada
(não passei por meio ponto).
Sonhei ser o mês de agosto
no meio do calendário
encher o mundo de sorte
em manhã de um dia treze.*

*Desejei ser flor, já disse,
ser terra, água e semente
paraquedista, passante
pintor, poeta demente
cidadão de terra-alguma
areia e estrela cadente
e especialista vagante.*

*Sem sair da minha terra
viajei o mundo inteiro
vindo do fim pro começo
andando sem um rumo certo
sem bússola e GPS
vagando de léu-em-léu
em busca do que, se existe
eu nunca vi nem conheço.
Mas numa esquina sem nome
eu me encontrei, de repente.*

*Cresci sem pressa e agora
envelheci de menino,
e de tudo o que eu vivi
lembro nada... vagamente.*

O terceiro

*Acordo e não lavo o rosto.
Faço ginástica e... torto
escovo os dentes de um outro?
Me visto pra ir pra onde?
de pijama e sobretudo.
Esqueço o dever-pra-casa
e refaço o dever-pra-vida
(sempre em rascunho e aos pedaços).
Me esquivo de ser quem fora.
Me escondo de ser eu-mesmo
(essa doença sem cura)
E não busco uma saída,
qualquer rumo me leve
pra onde eu não quero ir.*

*Me re-invento de santo
de palhaço e equilibrista
de saltimbanco e sambista
de bispo, cavalo e torre,
e no jogo-xadrez de sempre
Prefiro a rei, ser peão!*

*Volto à escola e re-soletro
de trás pra frente o “abc”.
Re-aprendo a ser sentente
(como o que mora em você
E você nem nunca sente!)*

*Me disfarço de ermitão.
Começo perto do fim
e não chegar ao começo
é o que eu planejo, e assim
não sonho ser quem desejo,
e amar quem eu não mereço
é tudo o que eu quero, enfim.*

*E quero escalar o Aconcágua
e lá do mais alto gritar
pra quem em ouça e ninguém:
“esqueço o que eu sei de mim
e o que eu faço é o que não fiz!”*

*Mas quando eu volto pra casa
onde eu vivo, mas não moro
escrevo num quadro a giz
(e logo em seguida apago)
tudo o que eu tenho a dizer
de vã teoria e teorema,
pergunta, prece, oração
prefácio, tese e poema
(de que sou sempre aprendiz)
pra um livro de poesia
que eu nunca escreverei..
E mais geografia e receitas
de pão de queijo e farofa,
de frango caipira e feijão.*

*Caio fora da internet,
(que você domina e eu não!)
de blogs, do facebook
do msn e das redes
que me enredam dia-a-dia,
até sentir que, esquecido
de quem escreveu isso tudo
já não sei se sou ou não
esse, que ainda há quem chame:
de... Carlos Rodrigues Brandão.*

O quarto

*Do acaso inesperado surge a espera
de que coisa alguma aconteça agora.
Nada existe dentro e não há nada fora
e verão algum vem depois da primavera.*

*Meu coração nem sente e nem decora
o abecedário do Carlos que ontem fui.
Ele sonha o que eu não sei. E vida afora
sonho com um lago que é um rio em mim e flui.*

*Vida é o que vivi? E nozes fora... nada?
E é ela que eu lembro quando acordo e esqueço?
E é no escuro dela a hora em que amanheço?
e minha casa é o chão de uma outra estrada?*

*Sonho? Sonhei que me sonhava um dia
e no sonho sonhava que havia um outro em mim,
E ele sabia e me lembrava o que eu esquecia
e do sono me acorde, e o que não era, é. e assim...*

o primeiro dia

*E terão vindo de um país de amêndoas
e línguas sem o “ele” e sem o “eme”
homens ágeis e alegres como em festa.
E virão cantando e dizendo: “cantem”.
E soprarão flautas e tocarão tambores
e entre danças de abril dirão do Sol:
Ele não é Deus, mas como um deus seria
e por isso temos os corpos sós e nus
e a mão esquerda tingida de azul real
e a direita de lilás e carmesim.
Do que aprenderam e sabem virão dizer:
Nada viemos ensinar pois destas coisas
Cada um aprende com o vento o seu quinhão.
Temos apenas estas danças e dançamos
Com os pés no chão do orvalho e da aurora.
Não somos anjos, não anunciamos o futuro
e somos seres de carne e de sopro e barro:
nós, os que viemos de longe para dizer com danças
que há tempo ainda e o tempo é sempre agora.*

momento

*Não fora de argila essa manhã
no forno que acende o sol do sul,
e nem cantasse na mata um urutau
e este riacho estreito e arrependido
de haver deixado o alto de seus montes
onde o nome de Deus se fala com três letras
e essa música a murmurar nos teus ouvidos
uma canção de amor e esquecimento,
essa música, ouve, que poderia ser de anjos
e é de água e de peixes, pedra e sonho.*

Rosa dos Ventos

30 de dezembro 2003

e agora longe, quando eu me vou

*Amei o mar.
Foi quando era menino
e molhava os pés na água e era anjo,
e voava sobre Copacabana
carregando uma estrela em cada asa.
Gostava de andar pelas areias
ali, onde a onda se termina
e desenha na praia o meu destino.
O mar não era mau nem inimigo
e morrer nele era morar em outra casa.
E agora, longe, quando eu me vou
por caminhos onde há vales e veredas
é o mar que amei quem vai comigo.*

e de longe, de repente, o que se via

*Lembro de quando um boi
vinha vindo pela estrada.
Era manhã e o sol de março
Era como um céu de meio dia.
E então era – ou foi - em Minas
a estrada era estreita e era antiga
e por ela um boi viajava e vindo vinha.
E de longe, de longe e de repente
No ar parado dessa hora morna
Tudo o que se via pela estrada
do alto deste canto acaso em Minas,
era um boi parado numa estrada
e uma estrada que pelo boi se vinha.*

***Ilha de Santa Catarina
Florianópolis***

o dia, quando acorda

*Dá-me, Deus, o que eu já tenho
como este eu de quem sou e é quem?
E não sabe e acorda e então é dia
Como esquecê-lo se ele vai comigo
E é quem me lembra de ti quando eu esqueço?*

*Dá-me este corpo que te quer ver
e enxerga folhas, uma nuvem, meio pão
uma ave, uma criança, uma cantiga
o jornal de ontem e a mão da moça
à espera do meu resto de comida.
E o rosto do outro ... meu irmão?
(o seu nome eu sei? O seu perfil?)
e o mal do mundo e, às vezes, a alegria
de estar vivo agora, e é só, e é bom.
Dá-me, Pai, esta alma que te busca
enquanto é quinta feira e chove
e mais o andar de quem não acha,
mas procura a passos pela areia
e se te encontra enfim, não sabe mais
se isto é acaso, se é fé ou se poesia.*

sobre o amor solto nas ruas

*A mulher catando latas de cerveja
um fio de sangue, um corpo na calçada
um cego embriagado entoando samba
E dois jovens se beijando como em maio
enquanto um velho aos farrapos diz que é Cristo
a dois meninos dormindo em papelões.
Um outro bêbado gritando ao mundo e a Deus
o mesmo de quem falava um homem crente
com promessas de inferno e paraíso,
enquanto alguém vendia doces e dizia:
“é doce!” e andava com muletas, e sorria.*

Abelha branca, zumbes

(De Neruda a Matilde)

*Amorosa amiga, alguma noite antiga
te fez a fios de fogo e foi embora
e sobra o silêncio em tua casa.
Os deuses do sentido eu chamo em teu nome
com o ardor de abril e o mel de maio
e convoco, irmãos e iguais, Oxossi e Pã.*

*Aranha e maga, arranhas a teia do vestígio
e do arvoredos. Os rios da seiva te ornaram
e de madeira dura é o pano de teu corpo:
de pinho feito e de pólen, de poeira.
Vasto é o sentimento e nele viajas
como quem vem da gávea e vai ao leme
e voas ao aceno das estrelas
e velejas no arcano, o lume aceso.*

*Pois és o fogo e a brasa e és a areia
e algo em ti arde da autora à hora do segredo
quando o teu dorso de alma afago,
e navegante vou com a mão entre o medo
e o estuário do teu ser etéreo e de argila.
E se estremeço é porque colho
no jardim de cores de teus olhos
como ave atenta ao brilho de uma estrela
o aceno afoito da nave do desejo
navegando o bravo mar do Chile.*

a tarde, a noite

*Escuta: os tardos bois da tarde
amanham grãos de março
e sobre um monte onde há vozes
voam três aves e anoitece.
O escuro cai e faz um frio.
Troveja longe e um raio rasga um véu
feito de orvalho e sonhos de menino.
Há uma lembrança ontem esquecida
de ser lembrada para sempre nesta noite,
e sobre o corpo do campo
algo de um rosto antigo paira
como a pesada pessoa de um morto.*

*A foice cortava anteontem
o que não era prado e nem festa
no alqueire verde do chão.
Não há um sino que redobre
nesses ermos de sertão.
Mas às seis horas da tarde
algumas mulheres velhas
cessam ofícios de forno e de fogão
e abraçam não sei que nome
como o de um filho ou de um deus.
A noite cai por onde quer
e para florirem os pés de ipês
com a cor de alma e a cor da sombra
a lua e as estrelas hoje esperam
fogões apagados, cinzas, cinzas
e o morno sono das chaminés.*

**Pretos de Baixo
Joanópolis
fevereiro de 1993**

inventário

*Seco, sem ares e vivo de vida
o que é igual ao que não era azul
e no escuro do escuro do que existe
cresce no altar do tempo a ara do tempo
e sobre o solo da alma a água apruma
o seu se ir de rio em rio caminho afora
como essas águas de maio no sertão.
E é tarde e chove e cai um raio, e um outro
acende o céu e o céu aclara a noite clara
e é cada estrela como a espera de outra
e o sol da luz lembra ao olhar do homem
que uma vela só clareia o mundo inteiro.*

a noite

*Vem do luar
uma branda luz de prata
com que a lua prateia o seu luar.
E de prata se cobrem a vida e o vento
e é o claro da noite que clareia
a luz clara da lua e o seu luar.
Tão clara luz clareia este lugar
tão de prata ela prateia este momento,
este clarão a que chamamos “noite”
e o seu veludo de estrelas e de luz,
que se imagina: a luz é o sentimento
com que a noite pensa o seu passar.*

agora brilhe

*Venha a luz!
Branqueie o quintal
a casa e o muro
e azule agora
a estrada, a trilha
da face do que antes
era escuro.
E o que foi noite
e o seu rosto
de sombra
e de veludo
Agora aclare.
Agora brilhe!*

Cidade de Goiás
março 2013

uma casa velha num canto de Goiás

*Lembro uma tarde, chovia e era março.
A casa era vazia e adormecia
e as coisas se olhavam sem espanto
desde quando as mulheres foram embora
e da casa levaram as mãos e as malas.
Sem espanto as coisas se entreolhavam
enquanto a casa velha envelhecia.*

*Um anjo sem ofício madrugava
e velava a sobra do que havia:
uma panela sem a tampa, uma caneta
um tinteiro vazio de tinta preta
uma foto sem o rosto de quem foi
um livro dado às traças e ao silêncio
um calendário de um ano que passou
um relógio parado às dez pras duas
(e na hora certa duas vezes todo dia)
um poço de água sem água, boca e fundo
uma teia de aranha sem a aranha
a poeira sem o medo da vassoura
e a vassoura sem pelos na parede
esperando o fim do dia, ou o fim do mundo.*

Cidade de Goiás
Semana Santa de 2013

como se

para Maria Alice

*Talvez porque a tarde de junho fosse como sempre,
mas uma certa coloração, de resto, bem usual,
Entre o laranja, o lilás e o vermelho claro
Desse ao crepúsculo alguns acentos de almanaque,
ou talvez porque inadvertidamente então
o canto de alguns pássaros dados como extintos
soletrou de repente e ao puro acaso notas de música
Que os ouvidos juram haver esquecido,
talvez apenas porque o julgamento dos mortos
sobre os gestos ruins e bons dos vivos
pareceu por um momento adiado para outubro,
talvez porque... bem, porque é tarde
e o canto das aves e aquela inaprendida sensação
de que é possível arrancar flores do jardim
sem o juízo implacável dos avós,
então, pela beira dos campos aqui em Goiás
tomei as suas mãos, amada minha
e vinte e dois anos depois de um dia em julho
eu as beijei com o olhar travesso e amoroso
do menino que fui há muito tempo
e que eu pensei haver morrido não sei quando.*

Campinas

como um presente

*hoje eu te trago
amada, amiga
um sol de dores
um rol de flores
e as cantigas
que o povo canta
quando em janeiro
a um deus menino.
refrões e frases
te trago hoje
de um desmazelo
que vida afora
levo comigo
quando o sol conta
qual o caminho.
trago nos bolsos
os inventários
das melodias
que a morte pinta
e a vida fia:
uma de noite
outras de dia.*

*mas também trago
amiga, amada
flores da mata
cheiros de malva
e madressilva.
trago um alqueire
de terra preta
da terra viva
do coração.*

*nas mãos, no canto
amada, amiga
trago a alegria
de tanto amor
e esse poema
que canta e conta:
o que foi feito
o que foi dito
o que foi ontem
o que foi vida
amada amiga
o que foi nunca
por isso é eterno
o que foi dor
por isso é terno
o que foi triste
por isso é nada
amiga amada.*

ORAR COM O CORPO

sonhar

*Desenha, Deus, no caderno
um arco-íris.
És bom pintor, eu creio,
um bom artista.
Depois cantarola sete notas
como se fosses
meu Deus, um passarinho
desses que cantam
quando o sol vem vindo.
Soletra o meu nome de criança
e depois me dá a mão
como a um amigo.
É que eu te ame assim,
Devagarzinho,
com velas e preces
pão e vinho,
como se eu fosse um deus
e tu, um menino.*

comungar

*Seu nome de homem
é de um anjo: Gabriel.
E será de um santo o gesto?
Levar na mão o pão feito à noite
com fermento, sal e noz moscada
canela, malva e grãos de aveia.
Um pão escuro como se usa no subúrbio
comprado com moedas de centavos.
Levar o corpo de um Cristo embrulhado
em papel de nuvem cor de chumbo
e repartir os pedaços pela rua.
Dar o pão a quem não crê em deus algum
não conhece as cartas de Paulo Apóstolo
e tem o olhar de neve e não agradece
e não se converte a coisa alguma
e nem vota em quinze de novembro.
Dar meio pão àquele de quem fogem os anjos
e sonha, no entanto, como um humano
uma vida cheia de feriados
com cheiros de cerveja, o jogo de truco
e um corpo bom de uma mulher da vida.*

compreender

*Anos depois essas flores de acácia
amarelas como o mel que vem do sol
estarão aqui a cada lua nova de maio.
Alguém haverá de pisar as pétalas caídas.
Outros serão os viajantes, uma gente de longe
chegada aqui a passeio ou em busca de um irmão.
De quem nós fomos não saberão nada
e nem sonhariam perguntar qualquer coisa.
Por isso alguns de nosso tempo tomam a faca
e com a ponta ferem um nome nas árvores.
Deixemos a eles este pequeno desejo do eterno
de que imaginamos estarmos livres
como quem esquece na areia o sinal do corpo.
A noite virá, e o vento e o mar saberão apagá-los
e já amanhã os pássaros de hoje terão esquecido
a nossa breve e efêmera passagem por aqui.
Assim terá sido. E assim se esquece
e um dia não estaremos mais sob esta sombra
juntos como agora entre essas flores de acácia.*

*Fiquemos pois um pouco mais sob a sua copa
para que duas ou três flores caiam do alto
sobre os nossos ombros e os nossos nomes.
Uma outra florada destas gotas de limão-e-ouro
haverá de deixar cair pétalas sobre o chão.
Efêmeras elas e também nós, amigos.
Mas a cada ano em maio elas retornam
e nós? Onde estaremos nós então?
Onde estaremos quando for o maio
de um tempo depois de um último outono.*

catar

*As mãos têm rugas, mas são sábias
e há setenta anos fazem isto: catam feijão.
Separam dos grãos os grãos
e do feijão as pedras e as palhas.
Como as mãos de um rei criam a ordem
e desenham no mapa da mesa
o lugar dos perdidos e o dos salvos.
Tocam cada grão dizendo um nome
colocam de um lado o joio
e do outro o trigo. E a voz canta
uma canção de chamar os santos
sem saber que é do Nazareno
que as duas mãos falam na cozinha.*

descascar

*Tudo o que o navegador Colombo
fez no ano da graça de mil
quatrocentos e noventa e dois
eu faço agora, aqui, de novo
e assim, sentado na varanda
ao redor da mesa às oito horas.
Colho como se um mundo uma laranja
e com as dez naus dos dedos
e mais o vento da faca afiada
saio armado de mapas, silêncios
e astrolábios e velejo a Oeste.
E viajo com sede ao redor da Terra
em busca dos segredos do Oriente
escondidos num gomo de laranja.*

comer

*Já não dizemos: é hora. Já não é.
a hora passou e era agora
e entre nós três ficou esse relógio
parado há sete dias às seis horas.
Pomos de volta na mesa uns pães
um jarro de água fresca, um girassol
um bilhete de trem, um par de óculos
um retrato sem data, duas chaves
uma caneta sem tinta, o mapa de Minas
e um guardanapo de papel onde se lê:
quem estava aqui? quem veio antes?
Escreveram a lápis, mas ... quem foi?
E se foram e antes de nós fizeram
entre eles essas coisas conhecidas:*

*comeram e nem disseram: é hora
e um ar de junho entrava da janela
e beberam e limparam a boca
e olharam na rua um jornaleiro,
uma notícia, uma pedra, uma gaiola,
o passar do tempo, um par de irmãos,
um penitente e um pregador da fé
de um povo distante nove noites.
Olharam o que viram daqui desta janela
e entre eles deram, como nós damos
a essas coisas simples do correr do dia
ora o nome de milagre, ora o de história.*

escurecer

*Um pouco virá da luz.
Seu tempo será o do lampejo.
Um momento e o sopro apaga a vela
e a parede espelha a escuridão.
Um pouco virá da brasa. Virá da fuligem
e da pedra de fogo sem o fogo, sem o lume
vivo do vento como acendia a dançarina.
Um pouco virá da cinza. Sua areia
boa ao tato, pois ela é o fogo quando pó.
Recolhida na concha rosa das mãos
ela retorna ao chão de saibro
e é sinal de Deus, pois é o que resta do milagre
e devolve à casa da terra o que era dela:
a madeira, a folha, a alma e a vida.
A primeira chuva é o esquecimento
e um pouco virá do sopro do silêncio.
Isso de que o vento fala quando atiça o fogo*

escrever

*Eu que de você nem esperava
esta palavra sonolenta e bocejante
saída da cama com olhos tardos.
Essa palavra como um relógio sem corda
guardado sem uso entre o avô e o neto
como a flor caída antes do fruto
ou como quem vai morrer e faz um gesto
e cria uma coisa de dizer e não diz nada.
Essa palavra como a escrita na parede
com nove letras, sendo cinco apagadas
onde se lê ainda um erre, um ene e o quê?
Essa palavra sombra como a sombra
quando a hora foi e deixou o rastro de
quando já não há sol e nem há sombra.*

duvidar

*Sei que me resta pouco tempo
para ser estas vidas desvairadas
que esqueci de haver até aqui.
me faz falta uma alma ao vento
mais errante ainda e adiante de mim.
Me falta um corpo em estado de fogo
mais do que este, afeito a quinhões pequenos
de estrada de terra, de colinas e águas calmas.
Me faz falta um espírito mais sereno
e afeito a ouvir os anjos.
Me faz falta uma inocência de gestos
sem sentido, sem uma razão conhecida
e sem qualquer proveito
como a de quem caminha
e responde a quem pergunta: pra onde?:
existe isto, amigo? Existe “onde”?*

vigiar

*Não passou o que chamamos de espera.
O instante entre o canto do cuco e o silêncio.
Entre a cantilena da mãe e a lembrança.
Entre a ave morta e o vento roçando o arco do rei.
Nada passou, nem mesmo a noite
e por isso, vigia, calas de olhos abertos
como quem espreita o anjo ou o inimigo.
O corpo como quem acende a vela
e empunha a espada e treme.
Os ouvidos acesos como quem vê na escuridão
e ouve sozinho o anúncio do final dos tempos.
“Vigia, vigia! O que é da noite?”
Como quem não obstante silva e chama pássaros
ou como quem acena a ninguém e chove e é dia.
Como quem na parede decifra o olhar do outro
e fala de Deus como quem soletra
cantigas de ninar, canções de inverno.*

fazer

*Olha. Nesta mesa de uma madeira escura
e antiga, feita por um marceneiro cego de amor
morto em uma festa do Corpo de Deus
amigo de cabras negras e de estrelas
há marcas do tempo. Com cuidado
saberás ler algumas figuras, manchas dos anos
e outras de um óleo de plantas raras derramado
sob a luz de velas cor de aveia.
Espia atento e de nada te envergonhes
e vê que algumas são claras como esta.
Será como se o pão esquecido entre a noite e a manhã
deixasse impressa aqui a sua face.
Olha bem, alguém fez e há alguns riscos desenhados
com as unhas: quem? porque?
E outros, fundos, lavrados com metais de faca.
Não sei se ao cabo destes dias, agora que te vais
terás deixado na mesa algum sinal. Deixa também
e antes de ir embora volta e põe por um instante
as duas mãos sobre ela: assim, sem pressa.
Melhor do que os traços que o tempo varre
é o haveres deixado aqui o peso de tua alma.*

acolher

*Não seria preciso dar a este corpo
jovem um dia e agora calmo, colhido pelos anos
a cor da pele do tempo dos heróis
pois nada nele foi o elmo e o escudo
e nem foi a carne dada aos deuses
e nem a volta pelo mar de Circe.*

*O que eu fiz foi com estas roupas de feira
e a lembrança de um vinho, de um vento.
Agora, quando não há mais o arder do fogo
espero a morte como quem se banha
e veste a roupa do domingo e faz a barba
e pensa em deus dizendo: agora é tempo!
e fecha a porta da frente vagaroso
e vai embora da casa sem remorsos.*

envelhecer

*Foram ásperos os teus anos.
Os dias de ontem foram duros
mas agora chegas e descansas.
Limpa das unhas com a ponta da faca
a terra havana. Foram ásperos os teus anos.
Raspa do calcanhar essa pele tornada pedra
a dura obra que os passos fizeram de tua carne.
Banha o corpo com a água morna
e que te seja um amigo o mês de maio
(não se morre em maio. não ainda).
Esfrega com sabão de cinzas e palha de milho
o corpo de cor da terra como a terra
repousa a alma enquanto a noite
cobre os campos onde semeastes trigo.
Esquece os números: a Deus as contas e o futuro.
Esquece o tempo e lembra:
havia uma canção? Havia um canto
e o pai sabia e te cantava quando era junho
e juntos abriam trilhas nos sertões de Minas?
Esquece as contas, lembra o canto.
Foram ásperos os tempos.
Agora é o tempo. Canta!*

partir

Cora Coralina

*Já não faz mais doces
e segredava: sou doceira,
a poesia é só o acaso.
Tinham pouco açúcar e eram doces
e esse, dizia, é o meu segredo.
Já não andava nas ruas da cidade
as pedras cansavam os pés, eram aventuras
de antes, e do mundo baste o seu quintal
de figos e mamões, milho e memórias.
Houve um tempo quando o rio Vermelho
tinha ouro, peixes e águas limpas.
Hoje, do que vale olhar pela janela?
Há dentro dos olhos uma paisagem e é mais bela.
Já quase não escrevia, gastou o rol das rimas
e sonhava ser sábia em silêncio.
Quando a morte veio um outro dia estava pronta
como quem tira do forno o doce
apaga a vela, põe no ombro o xale
e abre a porta e sai e vai embora.*

ressuscitar

*Que o meu corpo
alimente um pé de Cedro.
Que a minha alma
o embale com o vento.*

OS NOMES

Emilie Dickinson

*Guardei o gosto de olhar pela janela
mas não vi fora. Feri os olhos da alma
e envelheci com o vinho. Cresci dentro
de mim um arvoredor: sou sem sombras.
Sofri? Não sei. O que é sofrer? É isto?
Isto eu escrevo como quem arranha o corpo
e com as mãos se lava em lava acesa.*

Rainer Maria Rilke

*Suponho haver sido sonho:
um rosto, só o rosto sem o olhar
de um anjo quando dorme
e por um momento esquece ser eterno.
E então, ébrio de um sonho assim
sonha não acordar.*

Pierre Teilhard de Chardin

*Algo era de areia
e era de ouro.
Mas não a Era do Ouro
não ainda.
E era de água e pólen
seiva e vida. E assim
era tudo tão havendo
e convergindo
a um lugar tão longe
e tão humano e tão
saindo de si mesmo
e sendo um outro:
que no chão do céu
um deus chorava
ser tão eterno e de um barro
tão sem-fim.*

Seféris

*Aqui, nesta colina onde me vedes
voltado ao vento, ao mar
os deuses de agora sufocaram
os nossos, de antigos nomes.
Acendemos fogos que de longe se vê
mas já não sabemos mais a quem.
Algumas flores cor-de-vinho, cor-da-pele
as nossas moças deitam sobre o altar.
Mas os cantos sem harpas destes gestos
apenas os velhos, os mudos e os mortos
sabiam entoar.
Dizemos preces como antes
mas já são tantas as línguas
e tão estranhas, com que se implora
o pão aos deuses.*

Jorge Luis Borges

*Uma só coisa não há:
o esquecimento.
A memória é tudo
todo o tempo.
E uma coisa só existe:
este momento.
Uma rua esquecida
em outra rua
e a fagulha fugaz
de seu presente.
O dom de haver agora
isso – e isto é sempre
e o fugir do azar
deste segundo.
O resto é a morte
a sombra e o sonho.
É olhar contra o vidro
e ver o mundo.
É uma faca sem lâmina
sem o cabo.
É um poço de água clara
todo água:
sem o balde e sem a borda.
Sem o fundo.*

Fernando Pessoa

*Me vi fingindo ao dizer
a dor que não sinto e canto
na dor que sinto e não conto.
E assim, não sei o que é dor
entre o meu riso e meu pranto:
a dor que não sinto e escrevo?
Ou a dor que sinto e escondo?*

Alice

ali, naquele outro país

*Por detrás do rosto do espelho
um outro espelho espiava
o seu olhar espantado.
E ela, Alice, não sabia mais
se era ela quem olhava o espelho
ou se o rosto do espelho era
de uma outra menina e era dela
olhando e se vendo do outro lado.*

Mário Quintana

*Quando eu me pinto
não sei de mim.
Não sei se minto
pois o retrato
de tão fiel
(dito e não dito)
sai diferente
(assim... assim)
de como eu sou.
De como eu sinto.*

Carlitos

*Deixou quando morto
mais ou menos isto:
um chapéu preto, roto
dois tocos de cigarro
e um resto de bengala.
Um certo ar de quem
acorda e é outro.
Um par de sapatos
a casaca, um lenço
e o sorriso triste
do lado de dentro
da alma de seu rosto.*

Carlos Brandão

*Ah! Eu sabia que haveria de ganhar
essa fogueira acesa no horizonte
desse sol que anoitece como um mago
quando escolhi a janela da asa esquerda
deste avião que voa e vai... pra onde?*

Sidarta Gautama

*São seis horas de novo
e agora é sempre.
tudo o que vive está
morrendo em mim
aqui, debaixo deste verde
de uma sombra amiga
que me é uma árvore e é o nada.
O sol se põe se acaso existe
e eu sou quem? Se penso assim:
tudo é tão só e é tanto
e é fortuito como a pedra
ou é eterno como a flor
o passar da vida pela alma
a que morre e volta e amanhece
e na manhã dói de novo
de ser de novo a dor?*

Jorge Luis Borges

*Me espio no espelho
e ele me espelha
a imagem do outro
de meu rosto.
O eu onde me olho
e não me vejo.
Onde não vejo ninguém
e vejo o outro.*

Abelardo

carta nunca escrita a Heloísa

*Queria roçar-te agora e anseio assim:
Tocar com a mão a alma de teu corpo
E não o espírito, Heloísa, etéreo e fugidio
e fiel demais à prece de meus dedos.
A aura sim. O suor de luz de ti e o selo
do lugar da crença onde o teu rosto
evita a vizinhança má do mundo.
Quisera tocar-te e te sentir no sonho
como voa a gaivota cinza sobre a água
e no ar volteia o desenho de um jardim.
Quisera tocar-te e te reter um pouco e só
como quem vai a um poço e vai sem sede
pelo desejo apenas de ir-se e vê-lo
e, sem beber, contemplar seu fundo espelho.*

Rubem Alves

ele falava sobre o meio-dia e o pôr-do-sol... poetava

*O sol acena adeus e tardo parte
pra casa de onde volta às seis-e-meia.
De mel e triste se cobre a tarde agora
e tudo é tão caseiro e tão poesia
(como o cheiro do pão, da lã, do vinho
uma fruta de caqui, um alguém na sala
e o fogo ardendo num fogão de lenha
que o ma do amor se esquece nessa hora
e o corpo canta o que a alma silencia.
Pois entre um trago e o olhar de tudo à tarde
quando não é nem então e nem ainda
por três minutos a vida – como outrora –
é tão boa de viver e – como a alma – arde.*

Woodworth

*A calma da alma da água
repousa em meu pensamento.
Um silêncio belo e de prazer acena
e o céu, sereno agora como nunca
naufraga um barco em meu coração
e juntos e sem medo
mergulhamos os dois no sonho.*

Ulisses

*As mãos que trouxe
esqueço no meu corpo.
Estrela de Antares me desvelo
e – grego – me perco e me apregôo.
Se é cedo hasteio a vela ao tempo
e velejo à volta de meu ombro.
Aí vou e onde ancore salto e então revejo
A ilha de quem sou quando era arcanjo.
Arcano duende sofredor e crente
aceno o pano da pele ao longe
do país da pessoa de onde venho.
Aceno e já nem sei se ainda creio
ou se adivinho na imagem do rosto
de meu nome – o meu destino.*

Colombo

como Magalhães

*O mundo pouco
e o Oriente, ali.
Se há vento, vou.
Sou navegante
e sei de um sonho:
uma outra terra
até onde ir.
Quando eu nasci
havia um anjo errante
a leste de meu nome
e quando eu volto
eu volto a quê, aqui?*

Fernão de Magalhães*como Colombo*

*Não vim do mar
o mar veio comigo.
Se a Terra é sem termo
eu nunca vi: mas sei.
Diziam: viver não é preciso...
Ouvi e naveguei
e a viagem foi pequena
estranha e infinda.
E agora volto: a quem?
Se o que eu buscava antes
busco ainda?*

Bartolomeu Dias

*Eu não me fiz de arisco
e nem de atento
por ser um rosto no cobre dos vinténs.
Nem por mandos de Deus eu fui tão longe
(não ousa tanto... eu sei. Eu sei!)
Não foi por isso que alcei a vela ao ombro
e saí dando prece ao mar e ao vento.
Marinheiro, eu nunca quis castelos
e nem o meu nome em terras ou no tempo.
Me fiz de velejar – de ir-me e sempre
entre uma ilha e outra e outra à frente
em busca de ouvir o chamamento
do que é em mim o nome de meu medo
e o meu assombro.
Pois quando tudo há, que ainda se invente!*

Jung

*Sonhei que tive um sonho
e de dentro do sonho eu me sonhava.
Uma mandala me cobria o corpo
além do silêncio havia um nome
atrás da mandala havia um rosto
e por detrás do rosto havia outra.*

Joaquim Brandão

Filmes?

*Preferia os mudos
e plantava ninhos
nos quintais de longe.
Queria o bem de tudo
o tempo todo e, amoroso
com a vida a cada instante
convivia com o silêncio
como em sonhos. Era sozinho
entre tantos e foi um homem
que nasceu pra monge.*

Morgana

*De meu irmão Arthur
eu quero o corpo.
Quero a alma e o suor
o sangue no meu colo
e o mal da lei.
Quero a boca colada
no meu seio
e no sexo eu quero
a mão do rei.
Quero a chama do ardor
do que eu desejo.
Quero o ódio do amor
partido ao meio.*

Gramani

poucos dias depois de haver partido

*Carregava sapos na algibeira
e nos cabelos pendurava borboletas.
Era um violeiro de violinos
saraus, silêncios, trens de corda
sabiás e rabecas madrugueiras.
Quando morreu, um dia
viram a sua alma de poeta
caminhando flores e veredas
orquestrando corais de bailarinas
conversando com olindas e arapongas
e poetando entre os galhos das mangueiras.*

Vizinhança de Manoel de Barros

um

*Nasci pra árvore
tatu peba e traste
por isso escrevo
como quem escava.
Cresci pra peixe
lagartixa, lesma
caramujo e erva brava.
Por isso escrevo
como quem lavra.*

dois

*Foi uma tarde dessas, mano
e eu guardo dela um rastro
no alforje das lembranças:
um passarinho zunia no horizonte
e voava de longe pra mais longe
e era tarde e – lento – anoitecia
e da noite e do vôo da avezinha
me sobrou este resto de memória
me ficou esse traste de poesia.*

Álvaro de Campos

*Quando eu me olho de mim não sei
pois não aprendo a pensar o que eu senti
e assim me perco às vezes no fugir
de quem eu sou no ser de quem serei.*

*E então me fujo do ontem que eu vivi
como um rio que passa e vai e flui
pois não me acho no rosto de onde vim
e nem estou na pessoa de quem fui.*

*E assim é. E assim viajo e velo e vou
como quem caminha e, de repente
para e pensa: esse sou eu e eu sou?
Ou é um outro eu que em mim se sente?*

Heráclito

o fragmento cinqüenta

*Outra vez o eterno morre e é tempo
e sem trégua o tempo passa e eu passo
e findo e retorno ao zero e ao fim:
do quê? De quem? De onde? E quando?
E a sombra da luz clareia o acaso
e a memória de um rio me diz assim:
quem há? Se a areia para na ampulheta
e o rosto de deus há um pensamento
a respeito de todos e nenhum?
É tarde e a tarde flui e eu fui
e ouvindo a voz do Logos e não a mim
vejo que tudo e todos somos um.*

Tonho Ciço

Antônio Cícero de Souza, lavrador de Minas

*Não são muitos os maíos da vida
quando um vivente pode se assentar
na beirada da noite e do silêncio
enquanto a toalha do rio espelha a lua
e navega um veleiro de meninos
entre matos de ingás e gameleiras.
Não são muitos os minutos de um homem
saído do trabalho das sementeiras
para enrolar no feixe dos dedos
um cigarro manso de palha seca de milho.
Deixai-me portanto, Bom Jesus dos Perdões
ficar por aqui remoendo os meus mortos
pelo menos enquanto a fumaça da brasa
ainda cria no ar de maio nuvenzinhas de conto
que o vento dos montes toca e a noite embala.
Véus de fogo nunca tão densos, tão escuros
como os fumos que um homem velho como eu
acende e faz subir dos fogos do coração.*

Kaváfis

*Não seria preciso, Atena, dar a
este corpo agora calmo, envelhecido
as imagens dos tempos dos heróis.
Pois nada foi elmo e nem escudo
e nem foi a carne na brasa aos deuses
e nem o vinho da oferta, mas do gozo
e nem a volta pelo mar de Ulisses.
O que eu fiz foi entre roupas de mercado
e a lembrança do tempo vem com o vento.
Agora, quando não há mais o ardor do moço
espero a morte como quem fecha a porta
e a acende a vela na mesa de seu ícone
e varre a casa feliz, depois da festa.*

André Brandão

*Acordei com almas de coruja
em manhã de chuva no arvoredo
e olhar de boi em pasto de janeiro.
Queria o resto da sobra do almanaque
e um doutor em piruetas, em murmúrios.
Queria desentender de geografia
e dos livros de regras de gramática
onde todos os verbos são gerúndios.
Queria mesmo é falar de coisa alguma
numa roda de meninos e mendigos
de velhos de casaca e saltimbancos,
os que desenham com o ouro das abelhas.
Eu sonhava suspiros de princesa
por um príncipe que uma tarde virou sapo
em um mundo todo cheio de domingos
e um dia de natal em cada mês.*

*Queria filmes sem nome, só imagem
como um dia eu sonhei e foi assim
e acordei jardineiro e bailarina
equilibrista em corda de arco-íris
e inventor de lendas de andorinhas.
Sonhei que eu era um sonho que sonhava
e me achei entre mago e maravilha
semeando um céu de araras e de estrelas
no fundo dos quintais onde há crianças.
Me vesti de anjo e de andarilho.
Desandei vida, cresci pulando muros
escalei montes onde não havia a morte
e aprendi a andar fora do trilho.*

O DIA DE SEMPRE

objetos, pedaços

*Por aqui a vida de Minas é nua e crua,
sobre terrenos abertos na pele dos morros
um dia verdes dos sertões de dentro
e agora rasgados e polidos a fio de faca dos tratores
e depois aplainados à custa de força e geometria:
tabuleiros rasos e chãos de casas magras
sem telhados e com os tijolos sem reboco.*

*Por aqui uma vida pobre se entrega avara
e o casario que cobre o fio de terra roxa
são remendos de pedaços ruins e sobras.
Por aqui os jardins não existem ainda e nunca
e nem há praças velhas onde o coreto reparte o sábado
entre os passarinhos e as retretas.*

*Aqui as crianças aprendem a catar nos rios da chuva
os restos do que sobrou em alguma casa acima.
Catam o que desce a corrente rua abaixo e fazem disso
os sonhos e os brinquedos das tardes e domingos:
latas de cerveja viram carrinhos coloridos
e caminhões foram um dia garrafas de plástico.
Pedaços de madeira, seixos de tijolos restos de lixo
constroem aqui pequenas cidades de mentira e magia.*

*Eis que os meninos das ruas empilham a pilhagem
recolhida dos restos da vida e das enchentes.
No barro macio da manhã constroem casas
onde uma vida mais real pudesse ser pensada.
Onde uma vida sem medos pudesse ser vivida
sem os medos da vida dos sonhos de um menino.*

Ibirité

nem pão, nem flor

Nada tenho que te dê:

nem pão nem flor.

E este agosto de um sertão ao longe

nos devolve, amiga, alguma dor:

a de havermos saído do silêncio

sem saber cantar a deus e à flor.

Mas se uma memória de ontem me devolve o mar

de onde eu vim, lá onde um dia eu fui nascido

não sei porque estas margaridas de julho

não floriram ainda, e nem porque

o que antes havia, ainda há agora e silencia.

Não sei, não somos e o silêncio sabe

sem ser no entanto nada, nunca e antes.

Lemos palavras que já outros escreveram

aqui, neste livro desenhado a mão de Jó.

E soletramos vogais, e bem sabemos

que a vida sempre foge de ser símbolo.

E fechado o livro, somos nós os que esquecemos

o que houve e quem foi agora, neste agosto.

seis canções de tempo e vento
para Carlos Fernando , em Goiás

uma

*nesse enredo
o meu veleiro vai
e a minha alma
almeja o seu alento.
então amanhece
e a manhã cedo
é o meu quinhão
de brisa ao vento.
ali me vou, amigo:
vão e a passo vagaroso
viajo, e embora tardo ando
e sou o porto e a nave.
e ao sofrimento oferto
a vida de quem fui,
e me acalento.*

duas

*ali, quando eu havia
velava o esquecimento.
foi um fluir, um só e um vôo
da viagem da volta da memória
e o seu momento é sempre
como o que vai do rio ao remo.
agora rego as flores na janela
e todo me envolvo de sereno.
vestido de mim mesmo me soletro
e ao acaso calo. calo e assim
a fala de onde eu vim, esqueço
e já não sei se sou,
ou se o vento.*

três

*há uma água de espera:
aqui é o vento!
aqui é onde eu me ancoreo
e o livramento do que busco
no vão do lado escuro
da vida – andante atento
recorda de quem fui e quando,
em cada trecho de mim
e seu momento:
maré de outono e orvalho
e a flor dizendo como ao tempo
a poeira na casa da palavra
o segredo do sol em língua alheia
e o cerco de mil armado à volta
do sentido do ser do sentimento.*

quatro

*do outono quando agosto
plantei e me alimento.
outrora havia a chuva
o fruto e o vento.
hoje, a manga amanhada
entre os meus dentes
e a saliva que eu cuspo
com a semente
são a minha obra: eu crio.
são o barco e a quilha
e a vela armada a meio vento.
a vela que nele sopra e sente
como à noite no rosto eu sinto o frio
o movimento de meu corpo,
esse amoroso do mal do amor,
e mais o gosto que ficou
do que, não feito ainda,
é amargo e amarga a mente.*

cinco

*matéria de devoto.
se há anjos saibam:
aqui é onde entreteço
este lamento
e ao sagrado digo
a sua ciência:
a alma tem um corpo
e nele vive e é bom,
e de panos o reveste
e mais de passos.
vestido assim
de linho e seda
e uma rosa dos ventos
no pescoço,
ele é o meu mal
e o meu desejo.
solto ao sul dos tempos
viaja este meu rosto,
esse alvoroço que dela
é o mar e o sentimento.*

seis

*não há porque negar
essa alma antiga.
de nada eu tinha medo,
nada ainda.
e nem tinha esse olhar,
esse olho atento.
eu não tinha essa pressa
e, de repente,
essa vela a queimar
acesa ao tempo.
esse saber eu não tinha:
sentinela minha, saibam,
de quem espreita
a solidão que chega
e um sofrer que cedo
vem com o vento.*

**Rio de Janeiro
outono de 1987**

ir

*O meu tenso Argos, meu navio.
Nos movemos de remo, grito e pressa.
O mar é sem recursos, sem retorno
e a aurora existe ao que amanhece.*

vestir a espera

*Com semente de açafrão e mel de amêndoa
espero na sacada a quem eu quero.
E se essa hora de anseio me visita
com trajes de rei em seda e festa
cubro de azul de medo e de arminho
o ansioso olhar meu pela janela.*

*O vento me agasalha e venta ainda
e eu já nem sei se sou ou sofro,
e com o fogo da lareira acendo a vela
e isto é pouco e tudo o que me resta.*

*Se a noite chega eu vejo o que não via
e a espera pesa como a noite, amigo.
Sentinela entre atento e inquieto
espreito no ar o vôo de sua vinda
e se afago em mim o chão da pele
sinto no corpo o vazio da falta dela.*

Vicente Aleixandre

*Não há façanha alguma nisto, vê.
E nem o travo do vinho. E não ha nada.
apenas o acontecer deixou seu traço:
um risco no mapa, ou o calor sóbrio
da mão que passeou pelo seu ombro
e um sinal: o pé de Crusoé na areia.
Então, o desejo de voltar, o amoroso
ir-se e, além de si, embora e sempre ali.*

*Numa alameda florida como em feira
aonde a ciência vã da retina em vão desmente
e o olhar do haver desvela o azul da espera.
Agora há um tom de quê, que em tudo entoa
uma cantiga de cartilha de criança?*

*Pois o desejo é dor e é pouco mas é sempre
e o corpo ressona, já que é corpo.
É tarde e o frio acende a chaminé
A noite nem caiu escura, e atenta
a alma acorda e figura
em pleno inverno, a primavera.*

**Irun
1989**

Ulisses

Um mês antes de Ítaca

*do mar me venho
e viajando sou do medo.
o acaso me navega e eu velo aceso
e o alto não existe terra
que da gávea da nave não aviste.
vigio. vigio: é o meu ofício
e de Órion sou. de Órion navegante
e Ulisses foi meu nome. Ítaca
a casa, dezessete anos eu esqueço
e a cada dia adio o mal da espera.
tiro do ouvido a cera e ouço:
aqui é a vida. e se há perigo
tremo: sou humano.
velejo e isso é o meu desejo
e sei de um reino onde nada
nada existe. mas nele salto
esmurro a porta e alto grito.
depois, abro a carne de um corvo
e leio a entranha: isso é sempre.
Na beira de tudo eu tenho sede
e o que não lembro vejo. E ao ser
de mim aceno o sonho do perdido.
um dia será assim: o arco e firo.
Pouso na terra a lança, a cicatriz
e a sangue escrevo isto: “venho!”
mas por agora eu quero uma jangada
e um longo mar sem praia e porto.*

Florianópolis

1990

o mar o mato a vida

*O avesso do mar
é o mar ainda.
E o cinza que a tarde
pinta quando finda.*

*Nem azul nem verde
nem claro nem limpo
esse avesso é o triste
do escuro que existe
na noite. No azul-roxo
que o seu pincel risca
quando faz a escrita
do amor quase infindo
do querer envolvê-lo
com um novelo azulíneo
por baixo e por cima.*

*O avesso da vida
é a vida ainda.
Um lado é o outro
e a ida, a vinda.*

Itatiaia

situações de sob e sobre

primeira

*O espiral da espera
acocorado à beira
do poço da esperança
olha e no fundo dele
vê na água a sua face
de velho e de criança.*

segunda

*Na beirada do poço da memória
se entrevê embaixo a roca fiandeira
do fio da linha d'água fluida
que fia - no oco dos guardados
do que a vida um dia foi e fez -
ela mesma: fiada, acesa, havida.*

terceira

*os tardos traços
da vivência:
a tabuada de comos
e porquês.
a soma que começa
de ás a jotas
e termina
de erres até zes.*

Cidade de Goiás

a vontade do simples

*A difícil tarefa
da memória acesa
é esquecer de tudo
que não cabe à mesa
de um jantar: a toalha
as flores, o vaso, o par de velas
e as pessoas convivas tardos
da conversa que se assa
cada noite entre o calor
da sopa e a sobremesa.
A própria sopa quente,
a sua fumaça, o raro azeite
a cerveja e o pão francês.*

*Além do mais, outros gestos
e objetos singelos de beleza:
o feijão-com-arroz, o copo de água,
a goiabada cascão, o queijo
e tudo o mais que nas festas
de domingo em casa pobre
cria momentos como agora
entre o real e a realeza.*

o poema caça

para Carlos Vogt, caçador

*O poema é a vontade
da armadilha da palavra.
É quem a desvela e é
a sua abracadabra.*

*Viva e nua a palavra sonha
o livre ser sem regra e lema
no balbucio selvagem da criança
ou no baralho bom da fala solta
que na cozinha se usa e na varanda,
e escorre como o caldo da moenda.*

*Por isso a palavra é revolta
à poesia e sempre que pode fica
a sete metros do cerco do poema.
Por isso a poesia é difícil,
o poema se arma de laço e faca
e sorrateiro sai à caça
no rastro da toca da palavra.*

*O poeta sobe no arvoredos
e a noite inteira passa à espreita
do arredio rebanho da linguagem.
Do bicho bravo de que
Se a palavra é o mapa do lugar,
o poema é a via e a viagem.*

sobre os dons

escritos do advento

serenidade

*o realejo da vida tem seus dias
e algumas vezes pensamos voar deles
a outros seres – não sei – a uma outra vida.
o trem chegou na estação: “aqui eu fico.”
mas não é ela, vida, somos nós, sou eu!
me afino, toco a mão no pulso e espreito:
a vida existe e sou se filho - e teço, e fio.*

perenidade

*algumas vezes sobramos de nós mesmos
e nem cabemos na casca vã no corpo:
ele aperta e é justo como roupa de outro:
um alguém morto sem rostos, sem saída.
é quando então pensamos: “a alma existe!
Pois o que é de nós que sobra, e assim...*

coragem

*outras vezes somos o tronco da aroeira.
a parte da planta ancorada no planeta.
somos o chão da terra e a nau da seiva
e isso é bom. mas em outras somos a aura
acima da luz da copa do arvoredo, e ali
estamos como um só, como um milheiro
entre ela, a vida e o reino do infinito.*

harmonia

*outras vezes somos as chave do segredo
e corre em nós um rio de nau sem rumo.
viemos de longe: um riacho na planície
e desaguando um lago raso e fundo.
mas às vezes somos como um hino
de elfos e guerreiros à volta da fogueira
(a noite passou e ainda estão lá).
é quando algo de sal salta de nós:
somos o fogo e a selva a arder lento
e não há legião que em nós detenha
o desejo de entreser a vida inteira.*

três escritos sobre trem em Minas

primeiro trem

*O maquinista pensa o trem. Ele não sabe
que no subir a serra o trem não sobe.
ele desenha no chão, ele rabisca
com um sábio lento traço de pintor,
o caminho por onde o trem se arrisca
passar e pensar-se em cada ponte
serra-acima assoprando o seu vapor.*

*O maquinista, tão useiro da rotina
confia em que o trem sabe o seu rumo
e experto de pensar o seu ofício
não percebe que conduz um trem artista
de quem é a mão e trabalha o seu ofício
em tracejar o traçado de sua pista.*

*Em subir toda a tarde a serra em riste
entre retas e curvas de pintura
deste trem entre poeta e paisagista
que a viagem viaja enquanto pinta.
Como quem, feito o quadro embaixo assina
o seu nome na paisagem: no trilho-traço
do quadro que pintou este trem-tinta.*

segundo trem

*No entanto, quando o mesmo trem
se deixa descender entre serra e serrania
no esquecer de seu peso, por desvãos
de descidas entre voltas repentinas,
ele descreve sem pintar outra paisagem
que por pressa não cabe em tela ou tinta.*

*Então o trem ponteia, e quem dirige
vai atento a que de sua cantoria
não escape o trem da pauta-trilho
nem componha o descer em descambar
serra abaixo, em cantiga sem as pausas
da regência do pensar do maquinista.*

*Pois na descida do trem, degraus abaixo
não se reja o orquestrar em improviso,
entre notas escorridas, mal cantadas
no desafino de um trem fora dos trilhos:
o trem e o seu o seu cantar de pressa e artista.*

terceiro trem

*Pois o trem que vai por Minas
não professa o menor projeto de chegar.
Ele reza o seu rosário e vai por terras
que sabe e não sabe, dão no mar.
O trem de Minas se repensa e repentista
reescreve o seu tema do pensar-se
de vagar entre trilhos e ir por serras,
dos caminhos do cerrado, do viajar.*

*Ele nunca pratica, trem mineiro,
o custoso exercício de apontar
em uma curva, na hora presumida
em que se espera o trem e o seu vagar.
Ou o outro exercício não-mineiro
do apressar-se entre um ponto e outro porto
enquanto cumpre a sina de alcançar
a estação do povoado - o fim-da-linha
no momento previsto de chegar.*

*Ele prolonga, vagaroso trem de Minas
a mineira aventura de vagar
entre serras de verde e pastos pensos
sobre vilas de meio de caminho,
as cidades do trem, de tão pequenas
que só o vogar do trem pode alcançar.*

navegar é preciso

*Pois eu mesmo não sei por onde andava
e ainda que andasse, pra onde eu ia?
Vale mais certo andar ou andar incerto
sem memória ao chegar de quem seria
este igual andar de quem chegando
descobre que sequer partiu ainda
e mesmo que partisse não chegou
a lugar algum da estrada finda?*

*Porque cheguei por onde eu sempre estive,
viajante que me fui e partiu antes
de me saber - eu mesmo - que saíra
e que chegara acaso um dia enfim
pelo mesmo lugar por onde andava
até o mesmo lugar de onde eu vinha.*

três poemas de tempos de espera
outro “tempo de Advento”

um

*A alma tem disso no Advento:
Ela espera pelo anúncio de uma estrela
e o murmúrio do choro de um menino.
“Deus - diziam os antigos –
é quem fica quando tudo foi embora”.
Mas é muito para quem espera tanto
e um deus que nasce bem pode ser assim.
pois dele eu quero um toque pequenino
do gesto com as mãos sem o milagre.
E sem o brilho de uma estrela no Oriente,
Quero os passos de três velhos no deserto.
Quero um pouco de paz, um pouco, mas sem fim.
E o bem do amor, como um pão que se reparte
quando veio a noite e um fogo aceso
reúne em volta seis homens que se abraçam
e perguntam pelo nome, uns dos outros
e semeiam pelo campo pés de amora
e vão embora sem a espera de colher.*

dois

*É quando pensamos: a alma existe
pois o que é de mim que há e sobra aqui?
E perguntamos, como um dia em Isaías:
vigia, vigia, o que é da noite?
E ele lê e responde (você lembra?)
A noite vem e vem também o dia!
Quem esperar, espere! É advento
e há um rio no Oriente e um deus,
e um dia vai vir ali e beber água:
e esse é o milagre. Este é o milagre.
E ele vai dizer: benditos os mansos, os pequenos.
e o resto são mitos, como Lázaro.*

três

*Às vezes somos os desejo do silêncio, e só.
E então, quem canta em nós? Quem canta?
Quem rumoreja esse hinário de cantigas?
Esse desejo de cantar baixinho
a um menino que nasceu na noite
não sei se em Belém, ou se em meus sonhos?*

degrede

Estavam ali os objetos amorosos da noite: um óculos quebrado, um marcador de livros sem o livro, uma faca sem corte, um calendário de mil novecentos e quarenta, uma caneta vazia, uma régua até o número sete, um lápis sem a ponta. Estavam ali sobre a mesa, sobre o vidro da mesa e o fosco vidro escuro da memória. Estavam ali, como as asas sem uso de uma gaiivota galega morta de manhã, nas areias de uma praia deserta, de tanto voar sob as estrelas de maio em busca das terras do sul. Em busca de flores e esmeraldas. Estavam ali, como quem diz novenas depois da missa, usados e esquecidos e, no entanto, atentos. Generosos, como foram antes, quando eram novos e luziam nas estantes da sala. Não serviam a mais nada, pois o tempo passara e nem eram mais os anos quarenta. E como eram inúteis, eram também um totem e mediam o tempo melhor do que o relógio na parede. Eram banais e aos olhos dos donos nem valiam mais nada, mas eram sagrados como outrora a palavra “om”. Eram como um silêncio e eram como o prenúncio do poder dos deuses e do amor que vive ainda entre os dançarinos, os saltimbancos e os meninos.

***Entre Assis e Milão, no trem
em algum dia de 1986***

sobre o poema

*Um certo andar que sobra de seu corpo
e que se ganha de sair, de se fugir
pra onde volteiam como idéias, as areias
do mais lento e linear cotidiano.*

*Pois essa terra de todos e ninguém
a um só tempo o mapa e o seu caminho,
por onde não chega sempre quem navega
e nem desvela seu rosto quem tem pressa
e quem não tem vagareia o seu poema.*

*E não queimam os pés essas areias,
este lento passar, pensar de aranha
espiral de envolver sobre si mesmo
o tenso palmo do traço da caneta
como em teia entretecida de palavras.
Ou como a veia reflete, a tempo acesa
as sete vezes da vida não vivida.*

três pastores de areia

*para Adélia Prado – em Minas
depois de conversas sobre o fim do mundo*

o primeiro

*pastoreava seres de almanaque:
um rebanho de carneiros e quimeras.
e a nenhum lhe dava uso algum.
criava a todos pelo só desejo arcano
de vê-los soltos, errantes pelo pasto,
a nuvem do cristal de seu agrado.
Pastor de ovelhas e senhor do afeto
multiplicava-se em cuidá-las a vigília
e adormecia no seu sono do cuidado.
chamava a cada um de um nome amigo
e nomeando o amor, servia ao ofício
de renascê-lo cada vez, a cada dia.*

o segundo

*plantava favas de um feijão amargo
e dele nem aos porcos que tinha não servia.
pelas flores que abriam cultivava
alqueire e meio dessa planta brava.
floriam de seis cores e as amava,
arco-íris em setembro semeado
e que aos ares de abril traziam odores
de um perfume de arabescos e pomares.
suas favas, repetia, eram fadas.
comia milho e arroz de meio hectare
e a melhor terra que tinha destinava
a essa lavoura de cheiros de ternuras.*

o terceiro

*criava burros, éguas e cavalos.
não montava em nenhum e nem a carro
que algum peso levasse os submetia.
pastor infante, a pé pastoreava
o seu rebanho alado de centauros.
não corria. com milho e com poemas
atraía a tropa possuída e não usada.
eram seus filhos, dizia, a sua tribo.
nunca vendeu um só, morriam todos
de uma velhice serena, sossegada
entre ventos do sul e a erva verde:
inteiros, garanhões, machos e fêmeas
de um tropel bravo e inesgotável.*

um velho em Brúnico

*era um pouco depois de meio-dia.
fazia frio e ao redor havia neve,
mas o céu era azul e a tarde ardia
de um sol sereno, cinzento e alpino.
talvez por isso bocejou e disse
a palavra “basta”, e havendo dito
pensou que se morria, e era disto.
o trem tardava na estação sozinha
e se a morte (pensou) a tomaria.
mas depois “não ainda, melhor viver”.
ir embora era a idéia deste dia
mas a vida vale mais, um pouco ainda,
outro trago de vinho entre os amigos,
a boca limpa no pano do punho da camisa
o cigarro aceso e a cinza, a cinza
como a torre infinda de um segundo.
ou menos ainda do que isso, o sentir fresco
o vento da Áustria pelo rosto
como – faz tempo – no gesto do menino
que corria entre trilhas, fantasias.
“A vida vale mais”, pensou, “vale ainda”.
a chegada do trem, a de um outro neto
e a promessa de amor, cumprida enfim
(a que inventou um dia um adivinho
Na feira de verão em Dolbbiaco).
“Melhor viver”, pensou, e entrou no bar,
saudou dois ou três com um mesmo aceno
e na mesa de sempre, na janela
a vontade de morrer matou com vinho.*

Brunico

1998

ali no chão, o túmulo da moça

*como à entrada ali
em dezembro, ao frio do inverno
a lápide é parte do piso no andar térreo,
o passante passa às pressas, distraído
e entretido entre murais de mármore
caminha por cima, quando anda,
de um corpo esquecido de mulher.
moça medieval morta na véspera,
flor que janeiro colheu depressa
e fez adormecer como na fábula,
para que sempre, e sem príncipe e beijo
adormecida e deixada de uma vez
até o soar das trombetas, ou depois.
um frágil corpo de moça sobre quem
o tempo sopra a pedra com ar de gelos
e apaga o seu nome de menina
deitada sob chão da sala escura
da entrada uma casa antiga na esquina
da via deglia Dogana Vecquia
trinta-e-três.*

**Roma
1985**

sentado, a cabeça baixa

*a morte cansa e passa
e por isso a alguns os homens dão estátuas:
corpos ativos a cavalo, a quimera do eterno
para que os vivos ao passar vejam de perto
a vida imóvel, no ar, e se imaginem imortais.
mas a estátuas de Gandhi, colocaram os ingleses
no centro de Tavistock Square, em Londres,
um lugar calmo, creiam, entre prédios de arte.
como apenas uma manta leve cobre o corpo
de bronze escuro, este indiano sente frio.
as pernas cruzadas com quem vai com a alma
e os olhos baixos de quem conhece o caminho.
ei-lo, deixado ali para que a paz tenha um corpo:
sentado e só. sentado, a cabeça baixa.*

**Londres
1989**

outonos cúmplices

para o Joel, em Goiás

*A amizade mancha.
ela marca o outro de uma cor igual
pois entre amigos de um outro tempo lento
há gestos cúmplices de mortes e afilhados.
alguns partiram cedo – deixam nomes e a falta
que algumas conversas na tarde rememoram
entre copos de vinho e de silêncio.
mas outros ficam e ao acaso se reúnem.
e então há ritos entre a vela e a sopa quente.
pois como viaja ao destino a alma dos mortos
sem a mão de quem ajeita entre as flores
um derradeiro nó na gravata de seda?
há bodas de ouro e entre barbas ralas
restos de sono e afeto deixados sobe a mesa.
a amizade envelhece, usa bengalas de bambu,
reaprende manias de almanaque e resmungo.
o olhar do outro demora no rosto do amigo
pois são as almas quem volta nele à casa.
entre rugas as mãos afagam os ombros
e os dois se amparam no meio da ladeira.*

Petrignano di Assisi

1992

OS OBJETOS DO DIA

como o brilho de um dia

*Esqueceram de por
esta estrela num saco
e portanto no dia
ela brilha no espaço.*

*E por isso ela aponta
contra o sol o seu rastro,
o risquinho de luz
de sua mínima vela.*

*Esquecida de ser
como as outras, estrela
só à noite, ela brilha
no espelho da tarde.*

*Como um corpo cansado
mas ainda a serviço,
essa estrela não gasta
na manhã o seu viço,*

*e a virtude de ser
como fiel sentinela
convocado ao ofício
de deixar-se à janela*

*e passar em vigília
pelo dia e à espera
de que a noite resolva
apagar o seu brilho.*

com as mãos em concha

o menino escuta a caixa da memória

um

*Com as mão em concha
o menino ouvia a noite.
a noite imensa e feita à força
de uma salva de sons em demasia.
Mil ruídos congregados ao silêncio
de seu lento escutar, como um assovio
de seus anos, poucos,
mas a som do vivido.
Os silêncio da noite comovia
este menino movido a escutar
o exercício dos sonhos da lembrança
renascida sob a concha do ouvido.
Protegido do olvido, de olvidar.*

dois

*Os guardados no bolso -
partir, correr, saltar -
o menino, ele tem onde esconder
no bolso roto ou então
nas mãos em concha
o que buscou movido a escutar:
pedras do rio, pequenos paus partidos,
as coisas toscas, como um arco-e-flexa
estendido na memória como ontem:
as folhas secas e os bichinhos recolhidos
de um pasto verde de seu país de sombras,
o lugar onde escutar o ser do sonho.*

três

*Como dizer a palavra "estrela"?
a que o menino sabe e não diz, mas sabe.
Com as duas mãos em concha
ele escuta a voz, o vozerio estranho
perdido um dia e, entanto, agora
reaceso na caixa da memória.*

*Dizendo baixinho três palavras
ele relembra no oco do silêncio
de algumas intocadas coisas simples:
os seus passos, poços de água limpa
um pássaro da cor de seu invento,
o passar sobre o eco do passado
e lá no fundo ouvir, como um relógio
a mesma estória, a mesma, e repetida
de tantas vezes ser a mesma vida.*

quatro

*O menino sabia do horizonte.
Conhecia o outro lado do silêncio.
Olhava o sol e via a tarde finda,
a cor da tarde-tinta, e um céu de areias
com as mãos em concha o menino recolhia.*

*O menino olhava as mãos, olhava e via
o desenho da sobra de outro dia,
o mal vivido e já guardado na memória
no canto claro dos cuidados por lembrar.
Com as mãos em concha no ouvido
o menino sozinho ouvia a tarde.
O menino escutava: ouvia a vida.*

cinco

*O murmúrio do rio da aldeia
o seu rumor, com as mãos em concha
ele debruça na água o rosto, o medo
do murmúrio do rio, por escutar.
O menino remonta a um tempo vago
a uma sobra de saber o já vivido?*

*O ponteio tocado e uma mesma nota repetida:
canção de bolas, botões e botas rotas
carrinhos de lixo, figuras de esquecer
e uma aventura na sombra do caminho.
Pequena estrada e conhecida, ele pensa,
de pedrinhas, as que o menino recolhida
e guardava no bolso, o bolso grande
dos imensos tempos repassados
dos traços nunca tardos da memória.*

seis

*Saboreia o silêncio bom da tarde.
De nenhuma outra como a tarde agora
na beirada do rio e sobre pedras
quando é de novo um outro sol e o dia.
Com as mãos em concha e menino soletrava
o barulho do mar de que ele não sabia
e sonhava como um verde campo, e infindo.*

*Sozinho o menino guarda a paz
de uma pouca parcela de si mesmo.
O menino colhe a calma e faz um ramo
de pequeninas coisas do passado,
os guardados no bolso da memória:
subir o morro, olhar no horizonte,
imaginar um lugar mais longe ainda,
e trepar entre altos galhos finos
onde o que foi vida um dia
agora é estória.*

sete

*Vivido do nunca esse menino
ele apanha na rua sob a chuva
os pequenos pedaços de seu ontem:
lances, lembranças, um lenço branco e sujo,
as pequeninas sobras da lembrança:
o rio é o céu e azul se finda no horizonte
por onde salta esse menino em sobre-salto
no salteio de seus passo de entre-sonho.
Onde ele cata com as duas mãos em concha
a cuidadosa partida do pensar.
Do poder saber-se em parte alguma
onde o menino foi e volta agora,
diversa e igual a sempre estar aqui.*

**Alajuela
Costa Rica**

MÃO DE OBRA

Zacatipa

um menino magro no México

*O menino de Zacatipa
o que não tem, disso come.
Comida ou comido vê-se
que a sua casa é sua fome.*

*A sua fome ou o que a fome
deixou que, sobrando nele,
seguisse de fome a outra:
a pele e, por sobre, o pelo.*

*O menino de Zacatipa
o que não tem, disso usa.
Exemplo: lhe cobre a pele
a pele mesma - sua fruta.*

*A sua fruta ou a casca
a que menos cobre o corpo
que lhe mede a coisa pouca
do que será depois de morto.*

*O menino de Zacatipa
o que não é, disso vive,
ou nem vive e cruza a vida
em sua trilha mais lisa.*

*A sua parte ou passagem
onde o fundo é como a frente
e sendo os dois um só lado,
este acaba... de repente.*

Pátzcuaro
1966

morto a caminho

um

*passa pela morte a morte
e pouco mais. sendo nela
esse morto em barro feito passa
como passam barco e vela.*

*não vela que acesa acende
tal quando aberta a janela
na casa escura do corpo
a imagem clara da tela.*

*da vela de ser no barco
o movimento que sai dela
e nele faz o que a flor faz
a uma laranja amarela.*

*dessa que o casco - vela
é a parte acima da quilha
e levando um morto, leva
uma praia a outra ilha.*

*dessa que no barco atenta
pouca coisa maravilha
e que põe no sopro o rumo
de seu caminho, sua trilha.*

*dessa que se hasteia - vela
a mastro inteiro, e no corpo
leva do morto o que é morte
ao seu abrigo - o seu porto.*

dois

*morreu a morte onde existe
como de resto, no vento,
o que sendo viagem faz
o lado de sal da gente*

*pondo em pouso o corpo, a casca
como quem repousa um pouco
parece nem ter mais pressa
de se por de pé de novo*

*mão se ouvindo grito, pensa
quem o encontra, que morto
ainda é vivo e adormece
a casca apenas do corpo*

*vestido de calma e roupa
parece que segue a gosto
como quem, chegando cedo
espera a barca no porto*

*sendo o corpo morto e solto
sobre a espessura da estrada
acaba virando um pouco
da mesma coisa que a estrada*

*mas deixado o corpo morto
sobre o meio do caminho
acaba sendo a quem passa
a indicação do caminho.*

três

*como o sono de quem segue
sobre a rede em que dormia
mas a morte foi quem veio
recolher a quem colhia*

*como o sono feito à sombra
quando em fim de romaria
mas aqui nem a morte acha
conta, ganho ou serventia*

*parece minguada a perda
se tão pouca vida havia
mas sendo de planta a morte
nem tão pouco restaria*

*não se vê sangue, se houvesse
tanta morte não seria
mas um pouco dele ao lado
da causa dela diria*

*morrendo cedo e a caminho
nem se crê no que fazia
mas pelo calor da estrada
é que a pele não esfria*

*fosse pano ou roupa rota
concerto certo haveria
mas nem fio de seda cerze
tão desfeita geometria*

*enquanto se veste a morte
do que nessa pele fia
o homem que andava, anda
por lugar que não sabia*

*pois morto este morto, morto
inventa o que não previa
e no chão deixado o corpo
viagem nova inicia.*

Pátzcuaro
1966

canta quando dança

o trabalho do pedreiro

*quisera ver esta casa
essa casa inteira, pronta
quisera vê-la - essa barca
no seu mar, em sua onda.*

*quisera vê-la - esta barca
posta em seu rumo. ligeira
como avião que navegue
achados o porto e a estrela.*

*esse avião eu quisera
vê-lo suspenso em si mesmo
de seu trabalho fazendo
o que faz com ave seja.*

*esse trabalho eu quisera
sabê-lo pronto - o sinal
de que em minha dança eu ergo
uma cidade e o seu sal.*

o pueblo e seu povo

seis imagens do México com palavras

Tzintzuntzan

o muro no campo

*parece com pedra e acerta
quem diz ser pedra e que sendo
parece que veste o muro
com pano que em pedra tece.*

*parece pano o que a pedra
com a linha que fia, veste.
parece, sendo ele pano
a pedra com que parece.*

*parece esse pano à pedra
e acerta quem ao longe pensa
que a pano parece e, solta
é vela que o vento tange.*

*parece essa pedra ao pano
e acerta quem vindo perto
encontra que o pano é pedra
plantado onde a planta cresce.*

*parece esse pano à pedra
que no chão deixada é planta
e sendo planta não medra
além do que sendo, assenta.*

*parece essa planta ao muro
que plantado em campo cerca
mais que separa esse pouco
de planta que vela e guarda.*

*parece esse muro à planta
que semente sendo é arbusto
e que onde é plantado fica
e onde fica não dá fruto*

*e se dá fruto, parece
que a fruto é pedra e essa pedra
parece com o que parece
com fio de pedra: com pedra.*

**Pátzcuaro
1966**

Huecório

a pedra na pedra

*como se fosse a pedra sobre a pedra
e sobre a pedra ainda a pedra pura.
como sendo empedra o campo
e a casa, e em pedra o poço e o muro,
em pedra a noite, a chuva e o vento
que aqui chegam como pedra dura.
como se fosse sobre a pedra a pedra
e sendo em pedra a rua e em pedra a roca
o que faz deste pueblo um povo em luta
conta a pedra ou a seu lado - mas em pedra.
em pedra feito e de pedra o feito mesmo
de lutar com ela ou contra a pedra,
e assim fazer de pedra a alma e a vida:
juntar a pedra e em pedra erguer o muro
quebrar a pedra e em pedra por o milho
somar-se à pedra e em pedra por a vida.
como se houvesse vida sob a pedra
e ainda sobre a pedra a pedra pura.*

Pátzcuaro

1966

DIÁRIO DE CAMPO

vôos a oeste

*No tempo em que as coisas eram feitas para o homem
os aviões voavam baixo e do alto se avistava a olho nu
a repartição dos reinos dos seres do mundo:
as matas que cercaram o homem milhões de eras
e eram agora cercadas por ele e suas crias
com sinais e marcas de territórios de conquista.*

*Aquele foi um tempo em que o homem e a terra
estavam sempre em luta e se amavam muito.
Muitos anos mais tarde, quando os aviões a oeste
voavam roçando o topo dos morros
era possível vislumbrar da janela
os estragos do amor e os afagos da guerra
que entre um e a outra sempre houve.*

*Pelo vão das nuvens, em vôo de vizinhos
havia então sobre aqueles terrenos
de alqueires de batalhas
frutos de amor secando ao sol do mês de maio.*

**num vôo entre Minas e Goiás
5 de agosto de 1980**

do alto sobre o cerrado

*Há um duplo tapete de artesanão
estendido ao vagar dos olhos
de quem viaja ao pôr-do-sol
sobre o cerrado em setembro.*

*O avião voa acima do cinza
do bordado de linha feito a mão
que o horizonte do sertão costura
e a tarde colore entre mel e azul.*

*Uma colcha de ruas e avenidas
que o mago das seis horas traça
a lápis, retoca e depois tinge
com o pincel rebelde do arco-íris.*

*Do branco de noivado ao verde-sonho,
e do verde ao roxo escuro da quaresma,
esse pintor da tarde tece a tela
que do avião se avista da janela.*

*No chão da terra o olhar atento
vê o tapete dos Barros dos Gerais
que as chuvas de dezembro repintaram
na paisagem que junho deixou ocre.*

*Entre montes pequenos e outros montes
há por toda a parte ali sinais dos homens:
campos de pastos e planuras de plantio
que a altura do vôo torna sonhos.*

*Ali é uma arte humana quem colore
a tela dos alqueires do planalto:
o Havana escuro da fina geometria
da escrita do arado sobre a terra*

*sob o molhar da chuva e do sereno
que em tudo desvenda um tom mais denso:
do verde escuro do milho quando adulto,
ao amarelo-palha do seco fim da safra*

*e dessa cor que cobre o rosto do cerrado
entre as águas do quase fim de março
antes que ao campo dissolva o alaranjado
do fogo das coivaras e de seus ventos.*

*A tudo a seu tempo o viajante assiste
de um vôo à tarde sobre o reino do homem
e seu costume ancestral, estranho e artista
de plantar e pintar tudo o que existe.*

alguns fogos, algumas roças

*Quando amonta na mula amansada do vento
e viaja serra acima, do sopé à cumeeira
o fio da coivara é uma linha fina
de um tecido de algodão laranja
que a brisa mansa do sudeste tece
e a palha seca do cerrado empina.*

*Um fino fio carmim de fogo ralo
noite após noite costurando a colcha
de um arvoredado seco e ressecado
que cobre encostas de serra e pedra
por onde sobe a custo o fogo do alfaiate.*

*O oposto dele é o fogo de armadilhas
que apronta o guerrilheiro seu irmão
quando desce a serra entre matas e grotas
e contra a espada dos capins do pasto
aponta e atira facas de aço em brasa.*

*Cavaleiro que a onda de si mesmo
à noite monta e na manhã cavalga ao vento,
fogo-potro bravio a galope em disparada
contra o verde e o seco do cerrado.
Guerreiro irado com a sua foice erguida
cortando a fogo os fios do mato vivo.*

**São José de Mossâmedes
28 de dezembro de 1981**

as flores aprendem com as pessoas

*O ouro vivo dos ipês de agosto
amanhece os matos de Mossâmedes.
No trilho dos remansos da manhã
a água fria do cristal dos córregos
desceu a serra e fez descer em fila
as flores que branqueiam os pequizeiros.
Outros ipês do mato mais adiante
pintam de roxo o piso do arvoredo.*

*Sob os troncos cerzidos no cerrado
há tapetes estendidos com as seis cores
que a natureza aprendeu a entretecer
espiando das janelas os teares
das casas das mulheres-fiandeiras.
Quintais onde se fia tingem e tecem
o tecido sem-fio dos fios alados
que a cultura dos “sem-letra”
fia e borda, escreve e depois assina.*

*Nessas roças de fazendas entre matos
a natureza fia o que cultura tece
e a memória das duas não esquece.
De modo que entre campos e povoados
há coberturas de copas e de colchas:
flores de panos que as pessoas fazem
e as plantas da floresta vêm e imitam,
sob um claro de coivaras pelas serras
entre o sol do dia e o luar de agosto.*

**São José de Mossâmedes
29 de dezembro de 1982**

três lições mineiras

de Minas

*De Minas virá
o verdor do vasto,
do pasto que em Minas
é verde e amanhece.
E amanhece em Minas
cada vez que a chuva
visita novembro.*

*Cada vez que a noite
arvora o sereno
que o vento de Minas
orvalha nos fundos
dos cantos da sina
de gentes e bichos.*

*De minas virá
o sabor da terra
e do vento que em Minas
convive com a mina
de ouro da orquestra
de vales e vilas.*

*Convive, comparte
e se afina em Minas
até o tom fino
de uma escala acima
onde o vento inventa
como o trem e o povo:
caminhos. Caminhos.*

em Minas

*O que é de memória
em Minas tinha
guardado pelos potes e em moringas
do barro fino que o tempo-oleiro
misturava com água na gamela
modelava na banca do quintal
e queimava no forno da cozinha.*

*O que é de lembrar
por Minas ia pelas eiras.
por beiras, ocos e caminhos
do traçado que a tropa viajeira
tricotava entre vales e vielas,
entre serras, sereno, noite adentro
e entre as vilas que pela via havia.*

*O que é de saudade
havia em Minas
desenhado nos panos. Nos bordados
do tecido que a vida-tecedeira
fiava no claro da janela
costurava com fio de roca velha
e cerzia na mão de três meninas.*

com Minas

*Com Minas se aprende
um saber matreiro:
carregar no bolso
um toco de tudo.
Se aprende com Minas
a dizer o mundo:
pensar trem pra coisa
e uai pra susto.*

*Com Minas se aprende
o saber do avulso:
espreitar a vida
de “cocra”, na curva.
Se aprende com Minas
de graça, sem custo
que a vida que passa
não passa nem assusta.*

*Com Minas se sabe:
tudo vive, tudo volta
e com a chuva que cai
o que seca renasce.*

*Renasce e relembra
(todo ano, toda a vida)
que dezembro repõe
até março, até junho
o verde que a seca
secou após julho.*

**Congonhas do Campo
27 de junho de 1982**

de um trem mineiro*(mais um)*

*Só um trem velejando noite adentro
e entrecortando a manhã das estações
divide a noite e a alma do mundo
em pedaços medidos meio a meio
entre os trilhos e a tropa dos vagões.*

*Só em rumos de trem vereda afora,
viajantes do mar até o sertão,
há vidraças abertas e há vigias
dos mistérios do vento até as virtudes
de viajar entre o rio e o coração.*

*A moldura do trem aberta invade
as pautas do ponteiro dos Gerais.
As aves piam, o trem escuta, um sol se esconde.
Há uma curva depois de cada curva
e outra curva depois de cada ponte
e a noite é o que o trem inventa dela
e xilografa no quadro da janela.*

*Há um pouco de trem em cada coisa
que o viajante avista na vidraça.
As imagens de há pouco são o que resta
do que o trem risca e rabisca sob e sobre
os alqueires do céu de cada terra
por onde passam o trem e a sua festa.*

**entre Campinas e Uberlândia
depois do Rio Grande – no trem**

poemas da Meseta Tarasca e do povo Purêpecha

Um homem morto na polícia

notícia de conversa de dois viajantes no banco da frente

*Não quero cantar um canto de heróis
que eu nunca soube e nem dizer as palavras
que não aprendi. E difícil ensaiar à hora da morte
os versos não recitados na infância.
Mais difícil é lembrar o arrazoado da prece
quando foi pouco o tempo de amor pra crer sem medo.
Até agora não fui coisa alguma de que um dia
se pudesse fazer uma bandeira de três cores
para levarem pelas ruas as crianças.*

*Nunca fui sequer alguém de quem
ao menos se pudesse contar pelos bares
uma pequena legenda de bairros pobres,
um desses casos de vida que durante seis
ou sete anos as velhas do lugar contam
e recontam e juram que foi verdade
e depois os netos esquecem para sempre.*

*Agora que um fino fio de meu sangue
tinge o cordão dos meus sapatos
e uma baba sem palavras de susto
escorre e molha a minha barba suja,
agora que eu morro sozinho e espancado
sobre a poça de meu mijo frio
quisera que ao menos o mijo e o sangue
dissessem a quem me ouvisse gemer, da janela da rua,
o que havia em mim escondido de humano.*

O menino que dorme

*Dorme menino indiozinho
no sacolejo mole desse trem.
sonha um sonho lindo, menininho,
um sonho de outro dia, noutra trem.
um trem de ferro correndo
sonho adentro
por onde o sacolejo do caminho
carregue você, menino índio,
até num outro pueblo.
um pueblito pequenino
onde as cabras, os jumentos,
os sapos, bois e gentes
sejam felizes para sempre... amém.*

O sino de Santa Clara

Vila Escalante, antiga Santa Clara del Cobre

*Os artesãos refundiram muitos dias de trabalho comum
no sino de mil e cem quilos de puro cobre
da igreja de Santa Clara da Vila Escalante.
Para usar em casa e vender na feira de Pátzcuaro,
quantos pratos e potes, candelabros, jarros, copos,
pequenos sininhos de colar e outros objetos de adorno
não fariam com o cobre que consumiram no sino da cidade?
Quanto tempo do trabalho de muitos meninos e homens
não terão jogado na soma de fundir o sino
que muitos meses depois, no chão do adro da igreja,
ainda espera quem saiba içá-lo até o campanário?
Em que misterioso recanto do saber de todos
esses homens tarascos a quem Don Vasco de Quiroga
reensinou artes do cobre misturadas com o gosto da hóstia,
sabem que não foi o sino o que fundiram
pra que de uma noite em diante ele toque eternamente
um sonoro canto piedoso entre os muros de pedra da cidade
e os montes muito além do chão dos vivos e mortos
do pueblo Purêpecha de Santa Clara del Cobre?*

*O trabalho comum de muitas mãos multiplicadas fez o sino.
O ruído dos martelos ágeis, como um outro som de campanário,
fez os seus nomes de todos os dias
e lembrou à noite os nomes dos seus mortos,
antigos artesãos, e cantou os nomes dos velhos da aldeia
e os nomes de suas filhas de bronze e das mulheres.
Como uma canção ritmada em muitos tambores de metal
o trabalho solidário criou uma fala de versos numa língua antiga
há muitos anos perdida da memória da voz.
Uma língua que só o corpo silencioso acorda e faz cantar
com palavras que de novo acendem no coração a história.
Tocando a melodia das três notas do sino de Santa Clara
a um Deus de outras terras que aprenderam a amar
é para si próprios que tocam, pequenos homens anônimos:
índios de beira de estrada,
artesãos tarascos do caminho da serra.
É para os deuses antigos de quem não lembram mais
nem o rosto, nem o poder e nem o nome.
É para a lembrança de outras gentes que viveram aqui
o fio comprido da estação de suas vidas.
Tocam no trabalho do cobre a música de sinos e martelos,
que fazendo o sino maior da igreja de Santa Clara del Cobre,
faz igualmente os símbolos através dos quais se irmanam:
solidários homens pobres de um sonho silencioso e eterno.*

memória das velhas da tribo

mulheres de Tzintzuntzan

*Como voltar aos quartos da memória?
canções, cantigas, acalantos de ninar.
Que imagens atrás da cortina dos olhos
guardam essas velhas vestidas de preto?
Essas índias feias, revestidas de pensar?
Que cenas antigas de uma vida anterior
subsistem vivas nos ocos saudade:
dobras do rebozo, os guardados do bolso,
um lenço de menina, um santinho padroeiro
entre ervas de cheiro, os objetos caseiros
e a luz da lamparina?
Mais do que a uma história de mitos e heróis,
nos dias de fina chuva fria do mês de maio
a tribo inteira sonha regressar a cheiros da lenha do fogão
que um dia houve o nunca mais saiu
da cozinha que habita o coração.*

Potes de barro

Tzintzuntzan

*Que a pintura dos potes e pratos rasos
que as índias desenham nos barros cozidos
da argila que buscam na beira do lago
não pinte as imagens que os que compram
trazem escondidas de suas terras ao Norte.
Que nos pratos e potes que mãos de meninas
fazem cheios de bichos e flores de pintura
não se pinte para a venda da feira de sábado
coisa alguma que não fale ao coração.
As pessoas que fazem e as que compram,
quando olharem as pinturas cozidas
no forno do fundo dos quintais
saibam que ali existem riscos da vida
de uma história antiga, muito antiga,
de que se lembram só os velhos e as panelas.*

os seres da manhã

Erongarícuaro

*Na beira do lago, na beira do dia,
Erongarícuaro mói o doce milho de seu maio.
No campo os corvos espantam os espantalhos
e na parede da igreja há o túmulo de uma mulher
que morreu na cidade de Quiroga em 1884
e morta quis voltar ao pueblo de onde era.
Os vivos entram pela igreja com passos de veludo.
Passam pelo túmulo da retirante
com os olhos pregados no padroeiro,
mas no meio da noite é a morta quem vela por todos
e protege o pueblo de bruxas e fantasmas.
Às onze horas da manhã um bando de carneiros
cruza sem o menor perigo a rua da praça da cidade.
Entre a praça e a igreja alguns meninos
jogam com palavras indecifráveis
um desconhecido jogo de bola e mistérios.
No alto de duas árvores dessa manhã de preguiça
uma assembléia de pardais canta em coro
que é dia e a vida continua.*

as mulheres de Uricho, seus rebozos

*Por mais que em julho seja quente
na Meseta o sol mexicano do verão
e por muito que queime o corpo à tarde
um calor de aços nessas terras altas,
as mulheres de Uricho não se afastam
dos rebozos que usam, negros panos de lã
presos nos ombros e soltos ao vento e à história,
tal como as duas tranças de seus cabelos, negros
e cortados por duas e mais duas finas linhas de um fio azul.
Ora os colocam como os índios do lago,
envolvendo a cabeça, o pescoço e os ombros
e descendo o caminho entre o peito e as costas.
Ora descobrem dele as cabeças e os rebozos
carregam sem perigo tanto as coisas que levam à feira,
quanto os filhos e filhas dos tarascos.*

*Sempre viajam junto ao corpo os rebozos
essas mulheres da Meseta, porque mais do que o corpo,
eles abrigam a memória da vida indígena de onde vêm.
Por isso usam os panos negros que não vendem
e vendem na feira os coloridos panos que não usam.
Porque são uma nação sem bandeiras
os povos indígenas de todo o Michoacán
hasteiam no corpo das mulheres as duas cores da tribo.
Bandeiras de negro e azul ao vento voando.*

o martelo agalopado

com Ariano Suassuna

*O colosso de cabras e cavalos
No convívio do cobre com o cangaço,
Os ensaios dos magos do castelo
E a farinha na cuia do alarido
Dos invernos do povo, do amarelo
Que no cano dos tiros é atirado
Quando o susto da fome faz os fogos
Dos cantares dos gritos do martelo.*

*Os cuidados de tê-los e cavá-los
Com ferreiros e ferros, com os aços
De artefatos de espadas e cutelos
E o afiado das facas, o retinido
Das mortes que eu escuto, vejo e velo
Nas carreiras da vida e do pensado
Entre os verdes das almas e os seus mofos
Nos espantos dos golpes do martelo,*

*O que arrasa lá montes e, cá, valos
A poder de seus feitos e meus faços.
Os anseios dos reis, os seus anelos
Por reinados malditos, malferidos.
Seus temores do tempo e seu novelo
Nos repentinos do povo revoltado,
Revirando dos remos seus estofos
Nos acessos dos braços do martelo.*

Olinda

seca/cheia

dois rios do norte

*No espelho da seca o Itacaiúnas
monta castelos de pedra. Pontes
que o passante cauteloso atravessa
de um lado ao outro do rio a pé.*

*O Tocantins arranca do seu leito
roçados de quintais de areia,
um outro rio ao lado criando praias
que junto ao rio correm até a cheia.*

*Em setembro se veste o Itacaiúnas
de um manso rio de lavadeiras.
Os meninos tratam o rio como riacho,
como um irmão, um igual de cama e mesa.*

*Maior, o Tocantins, mas por isso
faz as lonjuras do oceano que ele esconde
até quando, depois das águas de janeiro,
encosta o corpo no pilar das pontes.*

*Sobem juntos os dois rios na cheia.
A tudo inundam de águas e refazem
ilhas do que era há pouco continente
e das ilhas, jazigos de ave e gentes.*

*Marabá entre os dois afina ainda
a fina língua de terra de que é.
E do que sobra sobre a água junta
seus vivos: os seus salvos da maré,*

*uma gente do Sul do Pará, acostumada
a existir entre os rostos opostos dos dois rios:
os tempos de marido-e-mulher e cheia-e-seca
que água e areia tecem com os seus fios.*

Marabá
beiras do Itacaiúnas e do Tocantins

meninos catam mangas a pedradas

*Setembro amadurece mangas em Marabá
mas a fome dos meninos vem de maio.
por isso têm pressa e se armam de pedras.
Desde seis horas da manhã eles acordam
o dia a pedradas — tiros de estilingue
que varam a copa das mangueiras
e se não topam com os muros de uma manga
poderiam varar folhagens do infinito
e derrubar a ponta do clarão da Estrela d'Alva.*

*A fome da seca fora de hora faz somas
com a fome diária da miséria rotineira.
Por isso os meninos a quem ela assusta
esperam dezembro com as alegrinhas
de festinhas roceiras de Natal.*

*Então os viventes mirrados de beira rio
se banham nos vaus de antes das enchentes,
viajam nos mundos de entre um rio e outro,
catam bichos, mangas e mangabas,
os mil recursos das matas lá do Norte.*

*Mais adiante ajudam pais a colher na roça
braçadas de mãos de milho verde.
Por toda a parte há prenúncios do episódio
de quando o sol madura frutos e grãos
e a fome faz tréguas de Ano Novo
com os migrantes dos matos do sertão.*

Marabá

Gringo

em Conceição do Araguaia

*Ninguém imagina que Gringo
seja o nome de um lavrador do Norte.
Um militante da luta
dos posseiros enlevados de armas
e bandeiras no Sul do Pará.
Mas também ninguém espera
que um mestre de todos como ele
pudesse morrer um dia
em Araguaína, no sertão de Goiás,
(onde as praias do rio são sem fim
e as brancas areias são claras)
com duas balas semeadas
nos sulcos do vão das costas.
Morrer sem tempo de não ver sequer
a cara dos jagunços, peões pagos
com a sobra dos ganhos dos negócios
que matam homens e semeiam bois.*

São Félix do Araguaia – Mato Grosso

o ofício de plantar

*Todos os outros ofícios dos milênios
mesclam a matéria da terra com partes mortas de seus frutos
e disso fabricam o testamento dos bens do homem:
o tijolo de barro, a roda de aço, a mesa de madeira.
Só o teu ofício mistura à terra a própria terra
e atira nela o grão vivo que morre e renasce
em multiplicações do próprio fruto.*

*Por isso os ofícios dos outros são artes de ciência,
alquimias aprendidas nos porões dos magos do norte
que transformam entre fornos e bigornas dos senhores da terra
os metais do mundo. Mas o teu é o único exercício humano
que recria da vida a própria vida molhada de janeiro.
E os senhores sabem que fazer a vida brotar do silêncio
do orvalho e do trabalho é terrível,
porque a vida persegue os poderes e as armas
e ameaça o passo dos guerreiros errantes.*

*Por isto fazes artes de profeta e és um sábio anunciador.
Por isso os grandes te vigiam de perto e te fazem servo
e te tomam por maldito, condenado a viver fora do castelo.
Por isso contra ti lançam exércitos e juízes de toga.
Por isso te temem pelas gerações e fazem de ti,
sagrado como um caminho de terra molhado entre duas pontes:
um exilado outra vez expulso da terra que trabalhas.*

24 de janeiro de 1982
Santa Luzia – Goiás

voltar do trabalho

*Exilados da luz do dia - já é noite
e o vozerio das estrelas invadiu o céu do outono -
de novo juntos na margem esquerda da estrada
os camponeses de junho refazem o mapa de volta.
Ei-los. Carregam no vão macio dos ombros
o bastão da enxada que na ponta pendura
a cabaça vazia da água, pequena primavera no dia de trabalho.
Carregam o peso desse dia e por isso arquejam o corpo
mesmo quando não é mais preciso, porque o ofício de andar
descansa o dorso da curvatura a que obriga o de carpir.*

*Os mais ágeis livram os dedos
e com os artefatos dos primeiros caipiras
fazem pelo caminho a arquitetura sábia, mais que a álgebra,
de um cigarro de fumo goiano e palha de milho.
Entre o cantochão dos sapos na beira dos brejos
e a orquestra de flautas de grilos e cigarras
esses homens não cantam e apenas abandonam aos pés
a música dos cantos de voltar. Viageiros do outono.*

São José de Mossâmedes

festas de colheita

*Rasguei o calendário. Não sou homem que conte os dias
do campo correndo com a ponta dos dedos a fila dos números.
Olho as estrelas. A variação da luz do cosmos
e a posição de alguns astros na nave do céu
me diz a era dos meses. Meu tempo são as estações.
Sou um homem do semeio e do lavourar.
Duas vezes por ano chego à janela e digo aos da aldeia:
celebrai aos ventos as vinhas de outubro!
preparai o corte dos instrumentos de ceifar!
Celebrai - digo, as chuvas do verão e os frios do inverno!*

*A cada tempo a sua festa, mesmo quando há fome.
Há um tempo de vesti-las de lã e aconchegá-las
junto ao fogo. Do mesmo modo - digo aos da aldeia:
com os mesmos gestos rituais não se pode celebrar
o tempo em que sobre a pele do solo se ara o chão
e aquele em que a ceifadeira corta o caule do arroz.*

*Não há mês como abril, digo aos que colhem.
As colheitas passaram e findou o tempo da quaresma.
Celebrai, grito da janela, os cereais de março!
Olhai os campos de pastagem! Vede os capins!
Antes de serem todos os anos, desde o começo dos tempos,
ao sol de maio e aos frios de julho secos e queimados
o que há de mais belo do que a sua floração?
Que roseiras sacodem no jardim dos ricos flores mais finas?
Celebrai, digo aos que colhem
as sementes que eles jogam pelo chão!*

14 de junho de 1979

os brincos

*A alegoria das coisas em que cremos
pende dos brincos por causa de quem
nossas mulheres e filhas furam as orelhas.
Quando é maio, com o dinheiro da venda dos bens da terra
compramos colares, cruzes e brincos de ouro,
Para que eles pendam como bandeiras, pequenas flâmulas,
sinais dourados esculpidos com pedras, rubis de brilho
na carne magra das mulheres do povoado.*

*Pela mesma razão penduramos também na parede de adobe
pintada a cal aguada dos ranchos que fazemos
e barreada de amor polido ao sol, e que cobrimos com capim
seco, colhido em maio, quadros de feira coloridos.
Caros quadros comprados em domingos de romarias.
Ali colocamos o retrato dos vivos e o dos mortos:
os antepassados, seus filhos e os seus netos.
Da parede nossa gente nos olha
sagrada como os santos e deuses
dependurados por igual entre os nomes da família.*

*Por isso colamos cenas das folhinhas de armazéns
que ali ficam por gerações de anos e anos.
Figuras ao vento nessas terras onde as bandeiras que há
são as que viajam em janeiro e viajam em maio
à frente dos tropéis de foliões de Reis e do Divino.
Tantos seres e cores quantos caibam nos quadro da memória.
Tantos quantos caibam pendurados em paredes e corpos:
medalhas, brincos, panos dos Três Reis, fotos de parentes,
virgens, santos, pretos de almanaque e senhores do céu.*

*Não somos como os ricos que comem á volta de mesas
e ali colocam velas e grandes jarros com flores.
Comemos em pratos de alumínio.
Catamos com os dedos nas panelas de barro
as porções da safra dos almoços,
e acorados à volta do fogão comemos na cozinha.*

*Flores que colhemos no campo à volta do trabalho,
ou no jardim roceiro que mistura vegetais de cheiro
com as ervas antigas de onde tiramos a saúde,
colocamos em pequenos vasos de porcelana barata
debaixo do retrato dos ancestrais.
A eles fazemos nossas rezas, preces de ramalhetes
que as filhas colhem para os santos e os mortos,
seres que os ritos da memória tornam iguais e imortais.
Vivos e presentes, vestidos de lenços e roupas de festa,
com os chapéus de domingo que tinham na cabeça
e os olhos pregados na janela de tampos de madeira.
Vivos. Vivos tanto quanto nós.*

5 de dezembro de 1981

a idade do ouro

*O sol de outro dia molhado das águas de leste
ilumina a fila de passos que fizemos a meio caminho
e longe, tanto que o grito da esposa à porta do rancho
não alcança o lugar onde trabalhamos a terra.
Em nome de que ser devemos portanto
repetir três vezes por dia o dever da oração?*

*Houve um tempo em que o arfar do peito de nossa gente
era o primeiro sinal do amanhecer.
Eles, os encontrareis semeados pelo campo
com cruces de aroeira a um palmo do lugar da cabeça.
Vinha o iluminador de outro dia molhado da chuva de março
e os achava no eito, os velhos da raça de quem somos.
Somos uma gente digna, pois os homens e alguns deuses
- até mesmo os dados aos prazeres e ao vinho -
anunciam que o amanhã da terra é a dignidade do homem,
e os símbolos e do que fazemos com a terra
são temas de lendas e parábolas.*

*No entanto comemos em pratos de alumínio barato
e as gerações que temos amassam com os pés nus
a lama dos quintais, lugares de alquimias da vida.
E somos mais do que os dos sábios
que comem do que colhemos e se fartam,
e em troca nos ofertam estranhos pós e poções
que mesmo entre preces tememos tomar.
As florestas que resistiam às primeiras caravanas
nós as derrubamos com machados e grandes fogos.
Suas linhas de ferreiros e bigornas dias e noites clareavam
os serões de agosto a outubro, todo ano.*

*A selva era submetida ao temor da cultura
e reduzida às cinzas que a chuva fazia serem
a cada outubro o adubo da germinação da terra.
Chamas da terra convertidas em verde.
Os ossos da floresta reduzidos ao pó
que misturamos com a semente dos cereais
e com o trabalho com que transformamos um punhado
em grãos incontáveis dos sinais da vida.*

*Multiplicadas as notas de nosso padecer de povo pobre,
tornamos ritos de mortos algumas antigas canções de bodas
que tínhamos e gostávamos de ter, e que por muitos anos
foram toques alegres entre palmas e passos de sapateios.
Hoje são passos descalços dos que seguem emudecidos
a fila do cortejo dos mortos silenciosos e dormentes
em redes brancas de panos de algodão
e antes do outono recolhidos à mansão dos que se foram.*

*De uma geração à outra, como a poeira do chão
que o passar do tempo torna estéril,
contamos maiores os números dos nossos males:
nós, os homens ingênuos do amanhã da terra.
A primavera de uma era perdida, anterior à moeda.
E primeiro foi o tempo ancestral dos seres nus
que não plantavam nem colhiam, e dos claros das matas
catavam frutas doces, mel e raízes boas para comer e curar.
Os que bebiam águas cristalinas de verdes rios sem donos.*

*Aquele foi o tempo de partilhar os dons da vida
e conviver com vigílias de bichos e de deuses.
Tudo eram forças do universo cheias de nomes e sinais
a quem a cada manhã os homens criavam outros nomes
e a cada estação renasciam transformados em flores e em grãos.*

*A pulsação da terra os nossos ancestrais sentiam
pondo o oco da mão direita sobre o coração.
A variação dos tempos: secas e chuvas, verões e primaveras,
eles adivinhavam acariciando o veludo da pele das crianças,
ou olhando o sinal do cosmos, entre as estrelas da noite,
ou dentro do brilho do céu dos olhos de um alguém amado.
As estações do ano existiam na alma do homem
e os seus corpos vibravam em comum com a tempestade
ou com noites em que a brisa mal move uma folha.
Colocar no corpo das mulheres fluídos brancos de vida
era tão diário quanto encher de água limpa
a concha das mãos e beber. E era tão sagrado.*

*Foi um tempo anterior ao arado
e os ritos dos moços celebravam formas de vida
que corriam livres entre as veias da tribo dos homens que fomos
e de agora não há mais do que sinais em grutas e entre montes.
Sinais de uma memória que de acordo com os sonhos
que vêm aos velhos da aldeia
nos lembram que viram e, assim, existem.*

*Depois foi o tempo de aprender a lavrar os campos.
E primeiro a terra foi de todos, os campos sem cercas
e as roças sem nomes. Os tipos de gados que tivemos
corriam livres entre terras em busca de aguadas.
Longe alguém bradava uma palavra, duas
de mesma crença comum, e se ouvia,
e de casa em casa ela ia viajeira do vento.*

*Os homens eram diversos e iguais
e tinham em suas mãos os mesmos sulcos
que a enxada faz e a terra tinge.
E entre eles casavam filhos e filhas,
pois todos sabiam os passos das mesmas danças.*

*Os senhores existiam longe, em terras
cujos mapas sequer sabíamos pronunciar.
Eram raros os comércios com os maus
e por isso se podia pensar que a Terra era plana e parada no ar.
E por isso por toda a parte se sabia crer que os mortos
voltariam um dia ao mundo e seriam crianças como foram.*

*Essa foi uma era perdida, primeiro dos dias,
depois, da memória dos homens.
Sobraram alguns mitos e ritos
que às vezes contamos e festejamos em noites de junho.*

**Ouro Preto
18 de janeiro de 1980**

nomes, mortes

Muitas mortes há.

E o doce manto da noite estendido sobre os fogos do dia

Nem sempre esconde dela no escuro as nossas casas.

A algumas podemos resistir com o ofício ancestral

e nossas armas naturais: arados, foices e violas.

*São esses os nomes das mortes da fome que quando somos livres
não resistem seis dias ao poder do trabalho e da terra.*

*Essas mortes queimamos aos sábados em fornos de barro
de onde as mulheres retiram tabuleiros de pão.*

Muitas mortes há.

E mesmo a brisa na madrugada, a que dobra tênue

o tecido da noite nas as espalha pelos ermos campos.

*Para outras são exigidos os usos dos terços e rosários
que as velhas da aldeia desfiam entre os dedos.*

Preces que fazem a seres que não vemos,

mas que estão lá, porque as velhas que sabem dizem que estão.

Outras não enfrentam o poder dos magos que temos,

Homens que dançam e a quem obedecem as estrelas.

Os que salvam dos terrores do oculto as tribos de quem somos.

Muitas mortes há.

E até o sol que desvela os poderes de fogo aceso

e os nomes de inverno dos seres do mundo não as decifra.

Porque há mortes com um nome desconhecido.

*Mortes com o nome oculto dos segredos que os sábios
que temos nos contaram sob o clarão de Sírius.*

Por isso essas mortes nos matam

e pelos cantos da aldeia cercam os nossos filhos.

*São mortes que chegam de fora, e aterrados perguntamos:
como domar os poderes do que não sabemos nomear?*

Cidade de Goiás

13 de fevereiro de 1979

capelinhas de estrada

*Aos que morreram mortes brutas,
nas estradas sob carros
ou nas praias sob ondas,
os chilenos erigem pequenas capelas
de tijolo e cimento com dois palmos de altura.
Capelas com cinzas de cimento pintadas a cal,
pombas de um denso algodão pousadas no chão.
O nome e a data escritos, para que saibam
quem morreu, partiu e quando.*

*Na estrada que sobe os Andes
pelas brechas de terra que abriu o rio Maipo
eu vi os sinais dessas capelas
e, numa delas, uma mulher vestida de negros
trocava as flores de uma pequena
tumba das esquinas da memória.
A saudade amarga dos vivos pelos mortos
para que entre si se digam que se amam
antes e até depois da morte.*

na praia de Punta de Tralca,

diante do mar furioso

*Defronte dos rugidos pontuais do Pacífico
sobre pequenos rochedos onde jamais cheguem as ondas,
havia dentro de uma capela cinco latas de cerveja,
cada uma com o seu ramallete de flores.*

*Florezinhas deixadas num gesto de sábado
nessas terras do sul do mundo, onde o vento
dobra árvores e muros dos homens.*

*Jardins de gestos de amor no deserto
da manhã de segunda sobre a praia brava
de Punta de Tralca, onde andamos entre as horas,
apenas eu e um bando de gaiivotas do mar.*

Punta de Tralca

trabalhadores do mar

*Sentado sobre uma pedra um calceteiro
entre Punta de Tralca e Isla Negra
martelava com paus e ferros
e a sua roupa de bronzes,
e arrancava da pedra outras pedras.
Da pedra marinha, mineral que as águas do Pacífico
gastavam com lixas de algas e águas frias
saía o homem que com golpes de geômetra
empilhava unidades iguais de pedras úteis
aos pisos, aos passos e aos assentos.
Era um dia de cinzas e o vento do sul
dispunha na palheta e misturava:
nuvens, maresias, areias
e a alma do homem sozinho a martelar.*

**Punta de Tralca
caminho de Isla Negra**

Pablo Neruda

1. sinais pela areia

*Pequenos são os riscos que fazemos na casca do planeta.
Os homens deixam e os povos de passagem
apenas breves marcas na pedra, na madeira.
Mas elas são o nosso nome, a nossa alma.
Os humanos precisam de ritos e de mitos
e quando dos mapas das festas que fazem
somem uma lenda e a sua dança
é porque os magos e artistas da tribo criaram outras:
falas que os homens contam
as mulheres cantam e as moças dançam.*

*Mas sobretudo precisamos de pessoas,
seres generosos de carne e sal como nós
em nome de quem gravar sinais na pedra e na madeira.
Pronunciar uns aos outros o seu nome sonoro
e entre sílabas marinhas, como em Ne-ru-da
nos sentirmos irmãos, grandes e solidários.*

*Pessoas como nós, apenas mais densas e cristalinas
sobre cujas cabeças não se haverá de enfiar coroas
e nem outro qualquer anúncio de poder terreno.
Os que calcem como nós sapatos baratos, viagem de trem
e no escuro da noite mijem num muro de esquina.
Os que carregam apertados contra o corpo
gestos de dor e mais os objetos cotidianos
que são a maravilha da espécie de que somos:
ramos de flores, jornais dobrados, livros e planetários.
Homens que sem perder o olhar da causa comum do homem,
E que mesmo de dia tenham a cabeça erguida
em busca das estrelas.*

2. a casa na ilha

*Era o fim de uma tarde escura de outono
quando aportei, vindo da praia de Isla Negra,
no cais do portão de tua casa, pequeno porto
ancorado diante do furor do Oceano Pacífico.
Agora não era mais preciso imaginar o vôo das gaivotas,
aladas amigas mensageiras do mundo e do mar,
viajantes como folhas de papel escrito,
gaivotas do poema dos mares que entre os homens há.*

*E não era mais preciso figurar por detrás dos olhos
o combate do mar contra as pedras do Chile,
rumoroso toque de tambores do planeta
que durante alguns anos marcou o teu ritmo de versos.
Nem era mais preciso, guerreiro e Quixote
de lança em riste, de poema à vista,
imaginar, atrás dos livros, como um profeta
não desiste de crer que também a palavra e a beleza
derrubam os tiranos dos seus tronos.*

*Tudo estava lá: o vento e o mar, o vôo das aves marinhas,
o emaranhado na areia de conchas de mariscos e moluscos,
a fúria das ondas do mar e o modo sereno de serem
as gentes pobres da costa das águas do Chile.
Lá estavam as coisas do mundo, ecos de teu verso, companheiro,
outubros de flores e palavras: primavera.
Mas também os sinais de que a fala do poeta existe em luta
porque todos os dias nasce dos seres da matéria e da vida:
conchas, vôos de aves, mártires, araucárias, mineiros do norte,
flores de março, salitreiros e índios, escaravelhos,
povos da terra, bandos em luta, irmãos do sal e da história.*

*Quantos sinais guarda uma casa escondida
Entre as areias, os pinheiros e o mar?
Não foi difícil descobri-la entre as outras,
porque não havia um pedaço do muro de estacas de araucárias
que não tivesse a marca dos escritos de alguém:
os chilenos sobreviventes do massacre, os que vieram depois,
os que não querem esquecer um dia sequer
o escuro da noite maldita que caiu sobre o Chile*

3. marcas no muro

*E como no quase fim de luz do fim da tarde
não houvesse por perto um passante e nem um cachorro,
e como o silêncio fosse para que eu ouvisse não vozes
mas o próprio som de meus passos entre os teus objetos do dia,
busquei um último pedaço limpo da madeira do muro
e com a mesma caneta com que antes escrevera
notas e poemas no Chile
escrevi, como os outros, e eram tantos: Neruda Vive!*

Isla Negra/Temuco

chão mineiro

*algumas igrejas e uma festa
em Ouro Preto e Mariana*

Igreja de Nossa Senhora da Conceição

O olhar de um quadro; uma cena de sobre o altar.

Que rara e misteriosa mulher que sob os pés nus esmaga a serpente, mas à noite chora, chora o filho perdido, veio a ser ornada aqui de rendas, de fios de ouro e veludos? Ao que se sabe, uma judia coberta de lãs de tear e que nas manhãs de maio bebia o leite das cabras e bailava com os moços de areias quentes e numa noite de inverno pariu sobre palhas um homem com a sina e dois ou três sinais de um deus.

Pois como poderia sugerir essa pastora de olhos baixos diante dos juízes, aos ricos e aos nobres de Vila Rica, levantarem no chão de Minas, com a arquitetura dos sábios de além mar e a mão coletiva dos escravos, uma igreja assim tão grande e tão difícil, para abrigar o corpo e a culpa dos homens? Por que tantas paredes e por que tão grossas de uma taipa que nem o tempo rói e nem o vento? Por que esses arabescos revestidos de brilhos e sóis e essas imagens de tantos santos sérios trajados a barro e tinta com as vestes que em vida os homens que eles foram não vestiram jamais? Por que esse museu de raros objetos solenes escondidos a chave em cofres escuros e lavrados de um inútil ouro puro que o tempo à espreita ainda não consumiu? Sentinelas de que temor de gerações de aflitos esses lugares e artefatos foram? Símbolos de que antiga espécie de fé e casa de que preces? De que cantos? Para que gravar na pedra esses múltiplos nomes de Maria, se no alto do portal do templo o escudo e a coroa servem – sinais do Reino – aos senhores da terra?

Senhores de servos sem nomes que fizeram um dia o adro e as torres, o sino e o sacrário. Poderes com que os homens, como deuses, criam deuses e lhes dão em Minas nomes e igrejas.

igreja de Santa Ifigênia

Deixaram os brancos que os negros levantassem no morro mais alto da vila o seu templo. Povos outrora acostumados a lidar com seres de Olorum e almas em matas e montes, sob a luz do sol nos corpos e mais a espada de Oxossi. Morada de espíritos inumeráveis no tempo dos livres.

Pois com as sobras dos dias de outonos em um tempo de dores e feriados seguidos o espírito dos negros sonhava ser de novo livre enquanto erguia no chão uma igreja de pedra: uma casa revestida por dentro de madeiras e paredes brancas e flores, onde os negros devotos fingiam pensar que amavam um deus de senhores longínquos. Um ser de barba branca e cabelos lisos que um dia viria salvá-los da morte e dos brancos. Nos altos de Santa Ifigênia eles trabalharam treze anos sem fim para que um dia, então, entre ritos de missas e incensos fizessem baixar, invisíveis aos outros, milícias de seres e deuses de outras línguas.

Vestidos com inveja de sedas e arminhos e falando com um deus entre murmúrios, os senhores da vila nada viam e calavam.

Mas entre as estátuas alheias dos santos, ei-los, seres da selva que chegavam, vinham e bailavam no corpo dos escravos imóveis, contritos. Seres vivos e nus, cobertos de tintas e de palhas, deuses dançantes: axés, amantes e orixás cujos nomes, impronunciáveis em latim, luziam em rostos que, escuros, brilhavam. Brilhavam no torso dos corpos que os negros contritos escondiam nos cantos ocultos dos bailes da alma.

igreja de Nossa Senhora das Dores

*Olhai, viajante as igrejas voltadas a leste de Vila Rica!
A qual visitante atrairá essa mínima casa de rezas; essa
capela-igreja que aprendeu a fugir do barroco e do
arabesco de visões e curvas que alonga nele o ofício da
parede?*

*Porque a um canto e embaixo, pouparam aqui ao portal,
aos azulejos e ao sagrado os sinais malqueridos do poder.
Pois aqui não há cetros, nem coroas e nem emblemas e
tronos. De um barro barato com que as velhas fazem no
fundo dos terreiros os potes e as panelas, há na parede da
entrada à luz do sol um coração de mulher com um punhal
a meio atravessado. Não há lá dentro as cores do ouro e
do arco-íris, e nem o que nas outras igrejas da vila e de
congonghas criou a seu tempo a mão direita do Aleijadinho.
Há paredes lisas e brancas, entalhes de artefatos da roça,
furos e tijolos e um azul de cal e de oratório como nos
ranchos mineiros de arraial. Acaso existe em Minas algum
deus piedoso? Alguém que “vindo” visite os homens e sua
arte? Se há é aqui onde ele dorme, quando vem dos céus e
matos onde mora.*

festa de Santa Cruz

Vindo de longe em carro rápido em busca de outras minas, “o que não de ser?” perguntaria o passante, aqueles clarões de fogos no meio da noite? E que ruídos no morrer da tarde acendem lembranças de povoados e vontades travessas de olhar de novo o mundo e o corpo das fêmeas do alto de um terraço?

Ontem havia festa de Santa Cruz no lugar em Ouro Preto chamado Ponte da Barra. Que rojões sobem, rasgam o véu do céu e silvam no que em outras noites é o silêncio? As pessoas do bairro e de longe com trajes de feriado e gestos de sábado, as bandeirolas de quatro cores e um certo ar cúmplice de quem bebeu e quer ser anjo. A música de duas clarinetas e a pele uniforme e mulata da banda roceira sobre quem um uniforme azul de anil dá um tom berbere ao que é de Bom Jesus dos Matozinhos.

Alguns pés de prata calçam sandálias de feira e mais o cheiro no ar de perfume de açucena e o de pólvora e o de mijo: tudo o que é sempre igual a sempre. Mas nessa noite em que os anjos e os homens bebem juntos e trocam confidências, as pessoas fazem com um outro diferente coração e entre um sorvete e um soluço semeiam a mágica da festa nas almas do lugar.

Quem levará a banda da leitoa a quem o frango? Quem acordará do sonho antes do tempo e berrará: “outra vez! Ah, outra vez!”? Quem, bêbado, tocará com os dedos os seios da moça ou, com as duas mãos, o rosto de Deus?

Tudo é nessa noite igual a sempre e mais os fogos no clarão dos montes e isto é a festa e mais a vida. E os velhos que hoje dormem depois das onze e contam casos de servos e senhores, sentados – sentinelas – nos bancos de pedra a limo nas pontas dos dois lados da Ponte da Barra. E outra vez os rojões e nunca o trabalho da pólvora foi tão generoso, pois aqui ele clareia a alma das casas velhas e o peito verde dos morros de Minas.

Aqui, no lugar chamado Ponte da Barra em Ouro Preto, onde uma oculta festa aos olhos dos vivos fazia dançarem, entre tambores e segredos, fantasmas devotos de negros e congos: homens que quando escravos cavavam com o sangue da farpa dos dedos em busca do ouro deste rio. Ah, os dias de sofrer sob a brasa do calor de março a procura de algumas pequenas fagulhas brilhantes da mesma cor amarela e viva do fogo desta noite! Ramalhetes de luz materializada que a terra cria e o rio esconde. E quando achadas – raras flores de ouro, rosas de metal e brilho – levantam sobre os rios as pontes, como aqui, e semeiam o pequeno viveiro de tudo o que a riqueza fácil faz: pontes e cruzeiros de pedra, casas e igrejas.

Tudo o que tem um nome e o ouro ruim batiza: sandálias de moças de velas; os seus segredos, aras e altares; sacrários, sacrilégios; a púrpura do padre e os foguetes bons da noite; o mijo seco no canto ao lado do rio, a cerveja e, à volta da ponte, um imemorial odor de fé e pinga. Gestos mais do que solenes acompanhados em coro da palavra amém e um suave roçar contrito da mão no peito. Heranças do que o homem faz e a chuva lava.

Responsórios de ontem e restos por onde agora viajam sob a ponte suja da praça da festa os dejetos dos vivos e os seus sucos. Sobras do trabalho, os seus degredos: restos do viver que o rio acolhe e indiferente à festa leva longe, entre águas sem ouro e sem segredos.

igreja de São Francisco de Assis

Faz algum tempo aqui os fiéis de missal e mantilhas converteram-se em diferentes seitas de turistas. Em outras eras os terços e os rosários, os cilícios e as medalhas bentas de prata eram as suas armas contra os terrores do oculto e os males dos outros. eram então almas leves. Ah, as meigas almas entre rendas brancas, dos que à noite pecavam e açoitavam o corpo dos negros rebeldes!

Mas ouvindo o coro das moças e a pregação das sextas de maio invadiam os rostos de ervas e de incensos e diziam: “Deus existe!” e choravam. O odor das velas de cera sempre acesas e o dos corpos esfregados como aroma dos campos nas tardes de sábado, para que nas manhã de domingo reluzissem diante do Senhor dos Exércitos e sua corte judia de anjos e magos. Tudo e todos em outros tempos. Seres, sagas de almanaque, mitos do passado, figuras vãs e sépia, presságios e mais os males da alma, de que o fiel se livra com água benta.

Agora as pessoas aos domingos chegam armadas de rosa-choque e máquinas e mesmo diante do altar se arrependem somente do que não pecam. Pois falam e filmam e dos velhos do lugar querem saber as respostas difíceis de se perguntar. Não há face barroca de santo que escape aos poderes da fotografia. Romeiros de uma qualidade diversa de fé, eles saqueiam sem remorso a alma secular das imagens – pois o que pode ser sagrado depois de ser tão múltiplo?

E indiferentes aos mistérios da morte, ao murmúrio dos anjos, tratam a Igreja de São Francisco dos Pobres como a feira da rua onde nada se vende ou compra, mas onde, profanadas na foto, as visões de Minas possam ser levadas milhas e milhar além dos morros. Troféus de caça. Objetos fáceis que o turista captura, leva e dependura na parede. Lembranças “de lá”. Sinais obscuros do antigo e traços vagos que levados fora do ninho o coração depressa esquece e o tempo-traça depressa desfaz.

O CAMINHO DA ESTRELA

Deus

Ele nos veio. Havíamos, os do círculo de nós, nos preparado por eras e eras para aquele momento. Primeiro um dos nossos encontrou os sinais no tronco enrugado de uma castanheira no monte. Pareciam formar palavras em alguma língua estranha, esquecida. Mas de tudo, um dos nossos traduziu isto: virei. Depois, atirando com a mão esquerda uma pedra no lago atrás da aldeia e lendo a equação dos números na ondulação das ondas concêntricas, um outro de nossa gente estabeleceu o lugar e a data: a noite de ontem: Solstício de Inverno. Fomos até lá procurando precisar o local exato no sentir a variação dos rumos do vento em nossos corpos. Chegamos ao lugar e era um círculo de sete árvores em uma clareira no bosque. Do que vivemos então podemos dizer estas coisas: para além das medidas humanas para tempo e espaço, Deus chega quando vem. Ele nos chega por meio de anúncios quase incompreensíveis, como o suave murmurar das folhas da Faia ao vento de Oeste. De nada adianta aos homens estabelecerem datas com sortilégios que somente servem para o anúncio da chegada das chuvas e dos filhos. Ele nos vem e nos toma.

E é tudo, e é só. E o que nos toca fazer é responder sim ou não ao que, no entanto, já aconteceu. Sem que ninguém de nós dissesse nada aos outros ao redor do círculo, aprendemos a saber que se com um mínimo gesto dos sentimentos dissermos a palavra não, Deus, atento, se irá como veio e não nos legará castigo algum. A perda de sua presença já é o bastante. Se do fundo do coração dissermos um sim, ele plantará em nós uma pequenina semente. Somente então estas antigas palavras: pelos

seus frutos os conhecerei, serão decifradas. Pois todo o bem é uma planta semeada no ser de alguém e que algum dia cresceu. E todo o mal é apenas a sua falta. Como aquela Figueira Dissemos sim e ninguém de nós pronunciou palavra alguma. Diante do mistério que havia em nada acontecer ali, nós nos calamos e se algo dissemos, somente Ele ouviu.

Pois quando nos pareceu chegado o momento unimos a prece escrita em nossos corações e o mais velho de nós murmurou sem ninguém ouvir nada esta outra prece: vem. Houve apenas um estremecimento nas folhas dos galhos de algumas árvores perto de nosso círculo. Um pássaro da noite piou e os que ousaram abrir os olhos disseram que por um momento a noite tornou-se somente um pouco mais iluminada. Como acontece tantas vezes em Maio, a Lua por um breve instante saiu de trás da toalha das nuvens. E foi só. Mas se escrevo isto é porque desde aquela noite começamos a crer sem temores que alguma coisa estranha e feliz cresce entre e dentro de nós. Não temos ainda palavras para dizer o que sentimos, mas é tão forte que ontem um dos nossos disse: será preciso criar palavras novas. Assim sendo, antes que aconteça o que acreditamos que virá, alguns dos nossos trocaram arados por bastões e, sem cintos e nem alforjes, resolveram partir sem rumo algum para contar essas coisas aos outros. Três de nós ficamos para dizer aos nossos as palavras que esperamos que nos venham em sonhos. Também alguns outros não sabem ainda o que dizer, mas também eles calçaram as suas sandálias e, lendo rumos dos lugares do Mundo entre as estrelas, partiram.

Santiago

Quando ele me chamou atendi. Larguei o que tinha e fui. Alguns deixaram barcas e redes. Eu, a minha própria memória de antes. E mais depressa do que Pedro, que foi ainda guardar as redes e despedir a família, fui. Quando ele me disse: vem comigo, primeiro cerrei os olhos. Se os abrisse e não visse o rosto daquele homem teria sido um sonho, uma imagem de tardes de grande sede, e eu estaria livre. Fechei os dois olhos e deixei de ver por um momento a sua túnica meio gasta, meio suja como os panos de quem caminha sem termo e o tempo dos cuidados que as mulheres e as águas dão às roupagens dos homens. Deixei de ver os peixes na areia e a areia da beira do lago. Os montes ao longe e então não sei o que vi detrás das pálpebras.

Quando abri os olhos ele estava lá, e repetiu: vem. Fui. Foi apenas isto e caminhamos juntos por estradas que nem ele e nem eu conhecíamos. E comemos do mesmo pão, dos mesmos peixes. Durante meses caminhei com ele e ouvia, entre os outros, as suas estranhas palavras. Ele contava estórias para revelar segredos. Gostava de suas lendas ora inocentes, ora terríveis, entre ovelhas, sementes e luzes de candeeiros debaixo da cama. Em algumas aldeias nos davam uma comida melhor do que um pão sem sal. E nos davam vinho. Ele tomava e nos deixava beber. Uma ou outra vez ficava mais alegre e esquecia mensagens e nos falava de quando era menino em Nazaré. Lembrava do amor como uma estranha palavra e dizia profecias sobre um reino aos pobres. Nunca o vi, esse reino prometido. Existe? Quando ele morreu pensei voltar à casa. Mas então eu era outro e não sabia mais a que voltar. A quem. E não sei porque, acabei seguindo os outros e aprendi com eles a falar em seu nome em duas ou três outras línguas. Queria contar as suas estórias, mas trocava as ovelhas pelas cabras e nunca

sabia como terminar. Quando perguntavam por alguma razão de tudo aquilo eu sorria, e ríamos juntos.

Aqueles a quem eu deveria comover riam comigo e riam de mim. Gaguejava as palavras e não sabia ao certo o que dizer. Mas dizia. Disse e acabei querendo crer no que os que me ouviam acreditavam antes de mim. Viajei entre aldeias. Em troca de uns punhados de pão e um trago de vinho repetia de novo as mesmas estórias, a cada dia um pouco melhor. Pensei ser apenas um desses pequenos poetas errantes de outros povos, e por isso penso haver aumentado as parábolas dele e criado outros personagens e entremeios de dramas. Foi quando um dia, perto de quando tudo aconteceu, que vieram sobre nós umas folhas de fogo. Continuei a falar, com menos dúvidas. Pregava aos brados, com os braços erguidos e, com menos improvisos, procurei ser fiel. A que? A quem? Nesses ofícios de semeador do oitavo dia havia entre os nossos outros melhores do que eu. Dois jovens me seguiram. Soube por ouvir dizer que Pedro e os outros chamavam o que pregávamos de: o Caminho. Comecei a chamar assim também. Depois, os que cruzaram com Pedro e alguns outros vieram me contar os prodígios que eles faziam. Tal como Ele, curavam doentes e davam a vista aos cegos. Não quis crer, pois nunca fiz por minha conta e em nome dele prodígio algum.

Lembrava as estórias que ouvi e guardei e contava aos outros: saiu um semeador a semear. Os adultos, quase todos, abanavam a cabeça. Mas as crianças pediam: conta outra! Quando disseram que iriam me matar, respondi apenas: um dia viria, que seja hoje. Em algum lugar longe, em outros tempos, outros homens caminharão noites e dias em busca de meus sinais. Estarei morto, mas haverá enfim um caminho.

mortos

Apenas fomos antes. Os que haviam partido ao tempo das primeiras neves vieram chamar alguns da geração dos que inventaram em galego a palavra aldeia para nomear o lugar onde viviam em casas de pedras e em janeiro acendiam lareiras contra os ventos do inverno. Fomos como eles. Eram filhos de mulheres de um tempo anterior, quando por aqui eram outras as palavras e os gestos de amor entre macho e fêmea. Quando em lugar dos cruzeiros de agora que os nossos aprenderam a erguer sobre mastros de cantaria na encruzilhada dos caminhos, havia nas pedras dos montes sinais gravados em baixo-relevo: círculos, espirais, estrelas. No tempo devido eles vieram chamar alguns dentre os mais velhos. Vieram chamar. Foi tudo. Os que temeram o chamado não ouviram e fingiam dormir. Mas nós nos pusemos de pé, calçamos sandálias e fomos. É isto a morte? Fomos. Antecipadamente arrebatados a um longo sono em uma morada, creiam, de uma estranha luz! Tudo foi no meio da noite e em algumas casas os outros souberam apenas quando veio o sol. Na casa da madrugada, como quem afinal adormece por um longo sono sem medo dos sonhos. Como quem atende ao chamado de outros, desconhecidos e amados, estávamos em paz. Fomos por um ícone de claridade, enquanto antes de dormir em minha casa a mulher estendia sob o ferro de brasas a roupa escura.

Depois soubemos que entre prantos algumas velhas diziam orações. E nós, do outro lado dos caminhos da aldeia, sem podermos dizer a elas que atendíamos a um chamado. Havíamos sido escolhidos e íamos como quem deseja. Saímos de casa em viagem, enquanto os parentes e os vizinhos levavam vestidas em roupas de festa, as nossas casacas. Os que partiram antes, ao tempo dos primeiros bois e do milho, apareceram entre faias e olmos. Se eles brilhavam de luz, não percebemos. Vimos os seus rostos e eram como os nossos. Tinham apenas o ar de

quem agora vive além dos calendários. Nada. Apenas fomos indo pelos mesmos campos de sempre com os corpos um pouco mais leves. Éramos três e quando ao acaso nos tocamos com os dedos, éramos entre o trigo e a garça.

Mais adiante andamos sem molhar os pés por essas mesmas correioiras encharcadas de chuva. Fomos, repito, e só mais à frente os caminhos familiares foram se apagando. Quando viramos uma curva na estrada um sol de um outro diferente rosto nos acolheu. E foi só então que uma claridade inesperada nos envolveu de sua rara luz. E aos poucos entrevimos que algo dela vinha de nós. Foi assim. E assim chegamos a esse lugar caminhando com os próprios pés. Como quem num momento, entre um gole de água e um outro fosse arrebatado a uma mansão de luz. Mas como quem chega a ela tal como o inesperado que num domingo viajou a pé para rever um irmão em alguma aldeia longe. Agora, passado o tempo do silêncio, como em um sonho eu vos conto, para que enfim saibais e...

*Marie Luise Kaschowitz, in **Vida Eterna?** de Hans Kung, pg. 202*

peregrino

O que eu fiz foi em silêncio. Sozinho eu vim. Mas todos por onde eu passava podiam me ver, pois eu repousava à noite onde me acolhiam e saía a viajar antes do primeiro claro do dia. Não era em nada furtivo, como o homem que por um momento sai do caminho, e furta algumas uvas na vinha e urina como um cúmplice, disfarçado de ausente, encostado num muro. Sei que os bons estão juntos e caminham juntos. Tocam-se, quando é devido, oram as mesmas palavras e repartem o pão, companheiros. Massageiam os pés uns dos outros e, como nos evangelhos, carregam entre eles os fardos de todos. Cuidam dos enfraquecidos e à noite contam casos de outros tempos, como se fossem parábolas. Eu vim vindo sozinho, desde Puente la Reina até Santiago. Queria carregar comigo uma grande ausência. Na porta de algumas casas eu anunciava o meu destino sem dizer meu nome e pedia o pouso e nunca o pão. Pois, sem orgulho algum – e quero que saibam disto – eu trouxe os meus pães na trouxa de peças de roupa pobres. Sim, porque o tempo todo desejei rever nos pães o sabor das mãos das velhas de minha aldeia. E assim, ao comer eu media pelo número dos que me restavam os dias de minha jornada. Quando comi o último cheguei aqui neste lugar onde você me vê. Aqui, na porta à esquerda da entrada do portal desta grande igreja de pedras. Tampouco aos anjos pedi coisa alguma. Se eles não atendem aos poetas, acaso me ouviriam? Ao sol sim, eu suplicava o seu calor, pois era junho. E pedia ao vento que soprava da direção de minha Terra, já que os de minha raça somos um desejo de não ter pressa e nem destino. Preferimos o deserto à Terra Prometida. Existe um Deus? Então ele não mora em parte alguma. Ele há de ser o começo de todos os caminhos e não se encontra onde eles terminam. Catedral alguma o aprisiona, pois o coração do homem é o seu telhado.

E foi assim que nesta grande catedral até onde um dos muitos caminhos me trouxe, não acompanhei os outros em pousar as mãos contritas e os lábios na coluna e, depois, no túmulo onde dizem que jaz um homem de outras terras. Não! Com as duas mãos toquei as pedras do lado de fora do templo e murmurei assim: Deus, se existes, estás aqui. Não vi sinais. Se o estranho homem santo a quem se honra aqui foi um peregrino como eu, então somos irmãos e nossas almas saberão se achar. Creio no sentido e no acaso, e isso me basta. Se ele foi mesmo um pregador da memória de um homem-deus, quero a sua carta e não quero a casa. E se ele foi um guerreiro, como contam alguns entre Roncesvales e Villafranca Del Bierzo, é mesmo bom que esteja morto. Pois o destino dos que matam é a morte. Andei até aqui. Vejam os outros: alguns voltam, cumpridos os ritos de piedade. Eu voltarei quando esta vela acesa no chão tenha se consumido. Ou, antes de retornar aos meus prados de carneiros, talvez eu estenda a jornada até um lugar onde diziam os antigos que a Terra inteira se acaba. Talvez ali eu encontre respostas às minhas perguntas. Mas, eu tenho perguntas? Desconfio que somos ao mesmo tempo a lembrança e o esquecimento da fragilidade da Vida. Os cães que nos ladram pelo caminho sabem disto.

outros

Tereis mesmo ido embora, oh rostos? Oh nomes? Tereis mesmo silenciosamente partido e agora viveis para além da existência e do encantamento? Tereis viajado embora? Em que rumo? Então nos viemos – nós, os últimos de nossa raça – às ocultas a este lugar de pedras e lobos e é em vão? E cada vez quando é a lua nova acendemos fogos e, escondidos à sombra de um carvalho convocamos os bons espíritos e acendemos folhas de loureiros e não nos escutais. E tiramos do lugar dos fundos da casa roupas brancas de raro uso nestas terras, e vestimos túnicas de lã e calçamos sandálias de couro cru para vir até estes altos honrar como os antigos a vossa presença na torrente da vida, para onde quer que tenhais ido estareis mortos? Distantes ou aqui? E aqui estamos sob o poder da noite e apenas o silêncio – o não dizer palavra alguma – nos protege dos ardis do mal. E agora a lua de junho veio e brilha o corpo nu sobre a copa da árvore sagrada. Isso vedes? Árvores que foram, supomos, a morada de castanhas, de aves e de vosso espírito. E não estais mais aqui? Como? Se elas crescem e dão, cada uma a seu tempo, a flor, o fruto? Vede, rostos amados: à beira do Tambre continuam a crescer os salgueiros, os abetos, os olmos, as faias, os freixos, os carvalhos e as castanheiras. Mas como segue sendo se não estais mais aqui? Se não presidis como antes o curso da seiva, a cor das águas? Quem, disseis-nos? Quem, oh seres de nosso rosto, está presente e oculto aqui para ordenar a lenta arquitetura da vida? Que outras mãos? Que outros gestos de algum semeador do oitavo dia substituem os vossos, quando da terra que uma tarde pisastes antes de nós, sai a primeira rama do trigo? Quem em vosso lugar ordena à uva que madure e depois protege do vinagre o vinho nos tonéis? Quando a cabra pare a sua cria e pia o cuco no cair da tarde, quem? De onde vem agora, se haveis partido daqui,

estabelece a previsível ordem da matéria da vida entre as estações de cada ano e refaz o ciclo de seus ritos? Quem? Se o ar de vossa presença e o vigor de vossas almas já parece não estar mais aqui entre nós? Quem? Haveis escolhido a fuga e o esquecimento quando chegaram por aqui esses outros? Haveis polido em que as arestas de vossa antiga força primária, como as águas do Sar afiam as pedras de suas margens? Vede! Haveis perdido – oh nomes que não sabemos esquecer – a corrente de fogo que antes nada represava? Rios da luz das águas da espera e do longo vôo? Sereis agora o pequeno lago de sombra cinza onde as fêmeas dos bosques vão beber água com os pés atolados na lama? Vós que em outras eras haveis sido, entre a Amahía e o Xallas, o vendaval e a tempestade, sereis agora a brisa de março? Um desses ventos domados em quem as moças de Luaña secam as suas saias? Sereis agora pequenas ondas de movimento que mal esvoaçam os cabelos de quem colhe centeio? Haveis – oh rostos incontáveis – vos entregado ao ócio e ao outono? Ah, não! Vós, os nossos, antes lembrados até nas canções de quando a avó envolvia a neta nascida duas luas atrás em peles de ovelha e cantarolava para que ela adormecesse segura de que, se estais no canto, estais no mundo. Ah, não! Pois em nós, seres de nosso rosto, em nossa memória e em nosso coração nunca silenciado, em nós que aqui estamos e como vós em vida nos chamamos, José, João, Pedro, Manuel e Santiago, nomes dados por outros depois de vós, entre a água, o sal e o óleo, em nós que até aqui viemos e viremos outras vezes, estais vivos como sempre e viveis. E viemos aqui - ah rostos de nossos outros – para vos lembrar os nomes e vos dizer isto.

*Angel Crespo – **nunca idos***

pássaros

Antes, quando não havia o relógio, éramos o anúncio das horas, os senhores do tempo. Desde a madrugada cantávamos e o sol surgia. Dizíamos aos campos e aos homens, com a canção e o silêncio, os intervalos do dia e o fluir de seus momentos. Com a direção do vôo desvelávamos aos camponeses os ciclos do ano. Eles nos ouviam atentos para acordar, para lavrar a terra, para comer, para amar e adormecer. Vendo em nosso vôo a vestimenta das eras da vida, sabiam quando semear e quando colher. Sabiam quando acasalar e quando morrer. A Primavera aprendeu com o nosso retorno do Sul a voltar também. Não era o Inverno quem nos fazia aos bandos viajarmos às águas do Sul. Era através dele que os ventos do Norte, errantes como nós, aprendiam a trazer dos céus a neve branca. Entre nós, os pássaros e os homens do campo de um tempo anterior havia esse acordo. Nós sabíamos do velejar dos instantes e eles traduziam o saber de nossos cantos em palavras de sua tribo. Juntos criamos a poesia. Dissemos a eles, como entre amigos que o passar dos anos não faz esquecer: para nós o Sul nos basta. Mas é por amor a vocês que enquanto houver em alguns dias de setembro uma manhã acolhedora do sol, aqui estaremos de novo, uma outra vez. Aqui, de volta.

meiga

Ando às voltas com a cegueira. Fecho os olhos e vejo. Há noites de outono entre a Minguante e a Nova em que essa camada de carne suave tem dores de pedra. São as minhas dores, prisioneiras do espanto e do espelho. Não há nada a fazer, agora, quando os homens que talham cruzeiros nas estradas dizem que os sortilégios são enganos. Ao norte daqui algumas mulheres foram queimadas por isso. Tento ver seus rostos na beira dos lagos. Mas não. Melhor que fiquem coladas aqui, em algum lugar dentro de mim. Algumas outras, mulheres de aldeia ou seres que sobraram de nossas raças antigas, antes de tudo isso acontecer, acaso sabiam sobre o inexistente, procurando aos tateios com a pele enrugada das mãos, já que para alguns entes da noite elas enxergam melhor do que os olhos. Assim os meus, que já me escapam de se livrarem de mim.

Já busquei tanto! Tinha poderes e podia curar doenças com algumas palavras e o toque de meus dedos. Agora não, e procuro abrigos. Alguém que não me tema e abra a porta e diga: vem comigo. Creio, mas não sei mais como repetir preces. Penso em Deus em silêncio e se ele não existe, que venha aqui me dizer. E antes, mesmo os que vinham aqui trêmulos, primeiro me ouviam. Depois fugiam sem olhar para trás e alguns gostariam de acender o fogo embaixo de minhas carnes. Às vezes é nem esperar. Seria bom fechar os olhos ao cair da noite e abri-los no meio de uma tempestade. E não ver nada ao ouvir o tambor dos trovões.

Mas desde quando por aqui mudaram o rosto e os nomes dos deuses, chove magro, regrado. Do que roça o meu corpo envelhecido, aprendi a separar o sopro do vento do arfar do Espírito. Sei que raro, mas sempre, ele passa, e é bom. Depois, nem isso. Algumas mulheres de roupas negras cruzam leiras por aqui e gritam do lado de fora: deus passa, é só ouvir! E eu que só, aqui, agora vejo através. Fecho os olhos que abertos já não distinguem o dia da noite e espio o insondável. Depois calo, pois de quem eu fui já se descrê em demasia.

Na minha morada de madeiras e palhas, do que já houve restaram algumas letras coladas no chão. Quem anda pela casa como eu descalça, sente e lembra. Cega das cores é pelo tato da pele que me chega o sabor e o saber. Meu corpo que homem algum tocou por suas delícias. Nunca fomos muitas e hoje a conta de quem somos cabe nos dedos das mãos de um menino. Um dia a última de nós gritará ao vento o nome de todas. E será como nada. Se formos adiante algumas histórias que as avós contam aos netos, já será bastante. Ao tempo em que havia por aqui crenças no fogo e na terra eu gritava de minha porta um nome, e ele vinha. Agora durmo em branco. Fomos... é isso. Um copo de água dado no oco das mãos de alguém já seria tanto. Mas, quem?

Márcia Nogueira – **carta pessoal**

ofícios

Foi o tempo. Falavam então do esquecimento e de sortilégios e magias. Falam ainda. Pensavam entre murmúrios nos exercícios com que os filhos dos faunos exerciam poder sobre o fogo e a lágrima. Foi antes, tempos antes. Teciam crenças sobre como dirigir com o espírito o percurso errante das nuvens e o das águas abaixo do corpo escuro da terra, entre os sete metais da alquimia. Vinham até minha casa, separada da aldeia em algumas noites e perguntavam com receio entre os olhos a respeito de tais assuntos. Depois se assentavam como crianças ao redor do avô e esperavam o silêncio. Antes de falar eu aquecia o fogo e tomávamos chás de folhas amargas. Bebiam devagar e esperavam em vão o verem sair de minhas mãos o véu do mistério. Como entre maio e sempre eu não tivesse nada a lhes responder, deixava apenas que viessem e repetissem a vinda, como a missa, como a messe, até estarem com os pés aquecidos na brasa do desejo.

Então, quando foi ontem pela noite eu afinal lhes falei assim:

O que viestes querer conhecer? Quereis saber da magia? Quereis conhecer senão os segredos de sua dupla alma? Quereis entrever ao menos um sorrateiro instante da evidência de seu poder submisso a um gesto de duas mãos? Podereis suportar um entreabrir que seja do olhar fugaz de seu clarão? E o mais velho deles disse em nome de todos: Sim! Mostra-nos isto, onde esteja! E eu respondi: Pois ide! Voltai pelo mesmo caminho ao local de onde viestes. Sai depressa daqui e retornai às aldeias de pedras e de lamas do inverno de onde saístes. E andai por ali. Devagar, como um alguém que havendo chegado sabe que não foi a lugar algum. Vagai ali. Pela primeira vez caminhai como viajantes, peregrinos, sem a pressa dos moços ou dos que imaginam que há sempre um milagre um

pouco adiante. Olhai como se pela primeira vez cada coisa, entre a espera e o silêncio. Vede cada pequena minúcia do mundo como quem veio de longe e não chegou ainda. Olhai à volta como filhos da dúvida e do assombro. Caminhai a sós, sem ninguém ao lado, os passos do susto e da demora.

Fazei assim até quando uma imensa sede vos leve fonte. Bebei então como quem se salva de um naufrágio. O que quereis conhecer vos rodeia, vive à vossa volta, e nunca vistes. Vede agora! Observai os ritmos do variar da vida, atentos ao florir de um lírio como quem espera a volta de um Messias. Esquecidos do tempo procurai os sinais do milagre no que restou deixados em marcas nas madeiras: alguns desenhos antigos, como letras, como riscos, gestos de rostos talhados na pedra. Um ou três arranhões imprevisíveis talhados com as unhas na carne do ferro. Ah! Lembrai como ele ressoa e chia quando se esfria enquanto avermelha as águas que o transformam em arado ou faca. Depois, ide sem pressa ver os que, como vós, levantam o sol da manhã com os sons dos seus ofícios. E o que tiverdes aprendido a ver, se souberdes perguntar, isto será a vossa resposta. Ide ver como os homens de boinas pretas cospem nas palmas das duas mãos, e armados de arados e de puas completam na terra a obra de um deus. E, como ele outrora, fazem isto em silêncio, pois lhes pesa o que criam. E é como se dissessem: ‘o que Deus fez em sete dias eternos nos seguimos fazendo nos outros infinitos tempos de sempre. Podeis ouvir e ver. Podeis tocar na obra da terra e nos ofícios dos homens. Isso é tudo e mais não há! E, ao me ouvirem dizer isto, alguns se foram e não voltaram mais. E outros não, e me olhavam com frases de desencanto. A estes eu disse ainda: quanto à obra dos magos e dos feiticeiros, desses que conjuram poderes em línguas sem gramáticas, dizei-me: o que restou de suas obras em que uma mulher de aldeia possa reconhecer a alma de seu povo e a seiva de seus dias? Onde está aquilo de que se diz que eles fazem, aquilo de que se possa anunciar, como

o homem da terra: em abril haverá flores; em julho, o grão. Nada! Eles são o brilho de um relâmpago condenado e fundam a ordem de lugar nenhum. São mais efêmeros do que a floração da alfafa e menos prodigiosos do que esses panos brancos que as velhas tecem com fios de linho para cobrir os pães. Caminhai para longe dos magos entre passos de espanto e de quimera. O imprevisto sempre chega um dia, e mesmo o que não abre os olhos, vê. Quereis crer no poder do mistério? Acreditai num prato quente de grelos com batatas.

E eles se foram.

E alguns observaram pela primeira vez as janelas das casas onde moravam e o suave labor dos canteiros á volta delas. Passaram dedos calosos ao redor dos sulcos de algumas pedras alisadas ali com as mãos de muitos meses. Encostaram os rostos de barba rala na aspereza do tronco de alguns carvalhos, e depois tocaram, como quem diz a prece, a perfeição dos encaixes da madeira de uma mesa. Dois ou três passaram meia manhã observando a difícil ciência das fechaduras. Outros roçaram várias vezes o rosto em peças de couro, essa tão frágil folha da vida. Pediram às mulheres que abrissem arcas e se envolveram de panos de veludo. Outros foram aprender a fazer com a cera das abelhas, as velas da noite. E, quando ela veio, congregados ao redor do fogão de lenha de pinheiros deram-se as mãos e oraram juntos diante do sacrário das panelas. No oco do barro beberam vinho com quem comunga. E quando na sala da casa viram a filha tecendo uma colcha de fios de cores, um deles lembrou-se de dizer: venham ver o lugar onde Deus aprende a armar o arco-íris!

Rosalia

Falo das origens. Sonhei um sonho que me sonhava. Eu ainda nem era e me foi dado vir vindo até aqui. O escuro custava a ir embora e era o inverno de outro ano. De outro tempo. E eu via o que entre essas casa daqui havia e era inverno. E sem saber como, eu procurava fazer o trabalho das mulheres. Que elas tivessem e eu não ainda as roupas de mulher, tingidas da cor de um negro que dá ao corpo do volume da noite, pareceu-me o meu pesar.

Mas o tempo de prantear não era ainda. Que estivessem elas com esses lenços também do mesmo negro e os chapéus de palha, pareceu de repente o meu pecado. Foi com os olhos no chão que andei pela casa entre elas. E porque será que quando a chuva veio, ela molhou os seus linhos, suas lãs, e as minhas não? Ouvi que algumas falavam às outras de seus homens mortos. Falavam de outros, distantes, errantes em outras terras, do outro lado do mar. Terras de sonoros nomes além de nossa geografia. Quem não tem a quem chorar é órfão. Eu tinha. Foi eu dizer isso e pela primeira vez elas me olharam e algumas sorriram. Uma delas disse: aguarda, espera... E elas faziam os seus labores e era só por eles que a tarde tardava em ir embora.

Eu apertava o ubre das vacas e saiam palavras. Dava nos campos, como elas, com a gadanha nos feixes de trigo, e reunia molhos de frases. Na outra casa em que me abriram a porta eu entrei e acendi o fogo da lareira. Acendi o verbo, um verso, não sei... um canto.

*Quando foi um sino em Bastavales – e eram sete horas –
cobri com as mãos o rosto. Quando abri havia este poema.
Assim foram as origens. Quando no sonho de quem fui
voltei aos ares de onde vim, ousei dizer a quem distribui
as almas entre os destinos: há um lugar onde corre um
pequeno rio sobre claras pedras. Uma árvore de corpo
retorcido. Um mugir de vacas, uma fonte de pedras e
algumas mulheres, como em Cafarnaum. Ali eu quero
estar. E ele disse uma palavra: vai!*

*A morte veio cedo, mas não tanto. Eu a esperava como
quem no porto aguarda um pai que partiu há tempos,
nunca escreveu e agora volta. Deitada na cama pedi que
abrissem a janela. Que desde Padrón eu visse o mar. Não
vi. Mas foi quando de novo o sino de Bastavales tocou as
sete horas. Fechei os olhos e então o escuro era toda a luz.*

três canções de despedida

e como antes e sempre, vamos

Eugenio Montale

*Hão de os dias ser,
e como as noites, claros
ascenderão estrelas pelo céu.
Assim também seremos
e como antes vamos,
e é a nossa sina o andar sem fim.
E mesmo quando em casa
estamos por aí, o olhar longe
e a mala, como a vida,
esperando quem parta ainda
e vá, errando ao léu.*

e veio de longe te dizer

Eugênio Montale

*Algum dia virá
em que, serena, a morte
depois de alguma esquina
há de chegar e baterá
com a mão em tua porta.
Abre sem medo.
É ela quem te leva além
e veio de longe te dizer
que é tempo: não o de colher
mas o de semear.*

aos que vierem depois

*Quando estes pequenos sinais
(marcas a lápis na margem dos livros)
forem algum dia achados ao acaso
eu terei ido embora daqui. Terei ido.
Virá alguém à biblioteca que foi minha
e abrirá distraído um livro entre tantos.
Ao folhear as páginas sem pressa,
em alguma folha setenta e quatro
encontrará uma pálida, uma quase apagada
escritura que eu rabisquei um dia.
Talvez nem a note, e será bom.
Ou, então, curioso, fugirá por um instante
do texto impresso em letras de um negro poder
e virá à margem ver os meus rabiscos.
Não saberá decifrar a minha letra ilegível
E nem por isto ficará menos sábio.
E fechará o livro e ao devolvê-lo à estante
Talvez pergunte: quem foi? quando?
E pode ser que a alma de meu espírito
então responda:
Fui eu, mas esqueça. Eu esqueci.*

Campinas

Algum dia esquecido em 2012

relação dos livros

Mão de Obra – poemas práxis

Edições Práxis/ Editora da UFG – 1968 - Goiânia

Os Objetos do Dia

Editora Oriente – 1976 - Goiânia

Diário de Campo – a antropologia como alegoria

Editora Brasiliense – 1982 – São Paulo

O Dia de Sempre

Editora da Universidade Federal de Goiás – 1997 – Goiânia

Os Nomes – escritos sobre o outro

Mercado das Letras – 1999 – Campinas

Orar com o Corpo – poemas e preces para as horas do dia

Editora da UCG – 2005 – Goiânia

Editora Verus – 2005 - Campinas

O Vento de Agosto no Pé de Ipê – escritos do sertão

Editora da UCG – 2005 – Goiânia – 2008 – Campinas

O Caminho da Estrela – poemas da Galícia e do Caminho de Santiago

Editora da PUC Goiás – 2010 – Goiânia

Este livro foi publicado também na Galícia

A trilha da Estrela – poemas de Galícia e do Camiño de Santiago

Editorial Toxosoltos – 2010 – Santiago de Compostela